

RAYVOCH

12



R.O. 930

P'RA VOCE

revista : semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

P R O P R I E D A D E
D A E M P R E Z A
D O "D I A R I O D A M A N H Ã"
R U A D O I M P E R A D O R 2 2 7 - R E C I F E

PREÇO

1\$000



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

— PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS —

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

DÊ NE BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principais sapatarías



— Meu ideal é um homem joven, rico e bom...
— Sou mais modesta. Conformo-me com um homem
apenas rico.

(De "Life", Nova York)

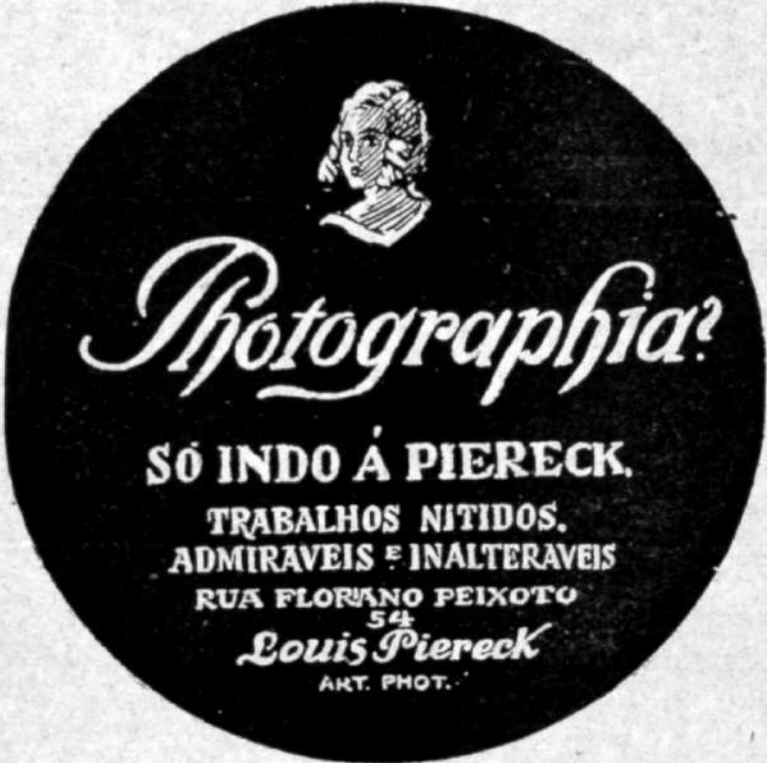
HYGÉA

limpeza-
automática
sem intervenção
manual



OS REGULAMENTOS DE SAUDE PUBLICA
EXIGEM ESCARRADEIRAS DESTE SYSTEMA

J. GOULART MACHADO & C^ª LTDA - Rio.



Photographia?

SÓ INDO Á PIERECK.

TRABALHOS NITIDOS.
ADMIRAVEIS E INALTERAVEIS

RUA FLORIANO PEIXOTO
54

Louis Piereck
ART. PHOT.

UM CAO INFENSO A' MORTE

Um tocador de órgão que exercia sua arte nas ruas de Varsovia, tomou-se de antipathia por

um cão que, desde os primeiros sons do instrumento, vinha se postar deante delle a latir lamentavelmente. Irritado com o animal, o tocador atirou-lhe uma pedra, a qual errando o alvo foi attingir a uma vitrine, quebrando-a.

O logista intentou acção e obteve uma indemnisação. O tocador, por sua vez, accionou o dono do cão, o qual foi obrigado a pagar, tambem, uma indemnisação, sob allegação de que a culpa fôra do animal...



— Aquelle magricella é quem mais pesa na fabrica onde trabalho.
— E' impossivel.
— Sim, senhor; é o encarregado da balança.
(De "Buen-Humor", Madrid)



— Quando se casam Juanita e Eduardo?
— Acho que nunca.
— Como?
— Ella não se casará, emquanto elle não pagar as suas dividas; e elle não paga as suas dividas emquanto não se

Sabão Marmorizado

DA

SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”

□

Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponáceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR

□

FABRICANTES:

Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE



Linda colleção de vestidos

Mlle. Aida Conceição, de passagem por esta cidade, acaba de expor no Hotel Central, quarto 401, uma fina colleção de vestidos dos ultimos modelos parisienses.

PREÇOS CONVIDATIVOS



Sobre-tudo de garbardine para meninos de 6 a 15 annos

Pelerines de cazemira com Capur

Capinhas e casaquinhas de malha para creancinhas

Casacos de malha para senhoras

Sobre-tudos para homens.
O maior e o melhor sortimento de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA

Segunda-feira no **PARQUE**



O genio latino em
UM FILM FALLADO
CANTADO, DANSADO E
MUSICADO DA



MAURICE
CHEVALIER

Faz sua estreia em Recife no film

“ INNOCENTES DE PARIS ”

a mais divertida sessão serio-comica que já nos deu o cinema de variedades
com *SYLVIA BEECHER* e *GEORGE FAWCETT*

A "PARAMOUNT" abrirá o programma com HYMNO NACIONAL BRASILEIRO executado pela eximia pianista patricia DYLA JOSETTI. A apresentação de Dila Joseffi, feita da têla em portuguez pelo Sr David Moretzhon, consul do Brasil em Nova York, diz das actividades artisticas da grande pianista na metropole americana. O publico de Recife, pela primeira vez, vae ouvir um film fallado em portuguez.

O celebre tenor TITO SCHIPA cantará duas lindas canções.

Um programma **PARAMOUNT-MOVIETONE**

para
você...

CINCO POEMAS

I
BAIRRO NOVO

Sol.
Os bungalows catitas recortam sombras pela areia.
A pergolazinha de cimento-armado
Põe um ridículo enorme de columnas dóricas
Na tarde tropical.

II
CIDADE DE PROVINCIA

Haverá bondes
Para todas as linhas
Depois do espectáculo.

III
HISTORIA PUNGENTE

...O grande amôr veio muito tarde.
Coincidiu com a primeira hemoptise do mancebo...
(Uma lagrima furtiva
deslisa pela face do leitor).

IV
PAIZ ESSENCIALMENTE AGRICOLA

O meu barbeiro
Fez um soneto.

V
FALAÇÃO DO SECRETARIO

(T. C. Flôr do Abacate,
da cidade do Rio de Janeiro).
O sr. presidente solicita
Uma interrupção aos alegres folgares,
Para communicar aos dignos consocios
Que se mostra satisfeitissimo
Com a bôa ordem e harmonia observadas.
Aproveita a occasião para lembrar
Que é terminantemente prohibido
Encostar as faces na excellentissima dama
Durante as contradanças.

A CASA DE MAPOUHI

POR JACK LONDON

Elle se sentou na areia, ao lado della, e chorou, com gemidos roucos de animal, á maneira dos primitivos. Depois elle a viu que se movia penosamente gemendo tambem. Inclinou-se e constatou que ella vivia sempre. Tinha o semente perdido os sentidos e, como Maponhi, havia sido beneficiada por uma sorte milagrosa.

Dos mil e duzentos vivos da vespera, apenas trezentos tinham sobrevivido. Nem uma casa, nem uma palhoça restava de pé na ilha. Um coqueiro, sobre cinquenta, havia resistido.

Á agua potavel faltava. Os poços, á flor da terra, que recolhiam, em tempos ordinarios, as infiltrações de agua pluvial, estavam cheios de sal.

Os poucos saccos de farinha que encontravam, aqui e ali, estavam como esponjas, completamente inutilisados.

Então os sobreviventes cortaram as cozes dos cocos cahidos e comeram.

O missionario mormão improvisou um alambique rudimentar. Mas o apparelho não podia distillar agua para tresentas pessoas.

No segundo dia, Raul, que soffia terrivelmente de sede, imaginou de se banhar e experimentou com isto uma grande frescura interior. A todos elle proclamou a boa nova e, logo, homens, mulheres e creanças o imitaram, mergulhados na agua até o pescoço, e tentando beber pelos poros da pelle.

No terceiro dia, os mortos que fluctuavam ainda foram jogados á terra e sepultados com aquelles que jaziam na praia. Nesse intervallo, foram construidos abrigos provisórios, com o auxilio de ruínas das materias que puderam reunir.

Os soccorros, enviados de Tahiti, não podiam deixar de chegar, de um momento para outro.

* *

A mãe de Maponhi, que, na catastrophe, tinha sido separada dos seus e cujo corpo não tinha sido encontrado, fóra arrastada a uma aventura pessoal.

Agarrada a uma taboa mal aplainada, que a magoava e crivava-lhe a pelle de mil feroçadas, Naouri foi sublevada por uma onda, por cima da muralha dos coraes, e levada para o mar alto. Lá, sob os pavorosos açotes liquidos, ella perdeu a taboa.

Era uma mulher velha que tinha quasi sessenta annos. Mas tinha nascido e vivido sempre nas ilhas, e possuía no sangue o habito do mar. Nadoou na obscuridade, arquejando e sufocando, e recebeu na espadua um golpe violento de um côco que fluctuava.

Elle não perdeu a cabeça e, pelas fibras emmaranhadas que a attingiam ainda, agarrou-se ao côco.

Na hora que se seguiu ella capturou sete outros, que, juntos, constituiriam uma boia a qual ella deveu a vida.

Depois, invocando seu deus Requiu e orando para que elle a preservasse dos monstros ella esperou pacientemente que a tormenta amainasse.

Ao amanhecer, ella foi atirada numa ilha arenosa. Mas era tal o seu exgotamento que a tornou inconsciente por algum tempo. O sol tirou-a daquelle torpor e ella dirigiu-se para o centro da ilha, afim de não ser levada pela ressaca. Ella não ignorava que esse pedacinho de terra só podia

ser Takokota. Era inhabitado, e estava situado á quinze milhas ao Norte de Kikouérou.

Durante oito dias, Naouri alimentou-se com os oitos cocos que a haviam sustido sobre as aguas, e que lhe forneceram, escassamente, a nutrição e a bebida.

Inumeros cadaveres, atirados pricmir na hora do fluxo, vieram visitá-la.

Todas as manhãs, elles festonnavam a praia de um horror funebre. Seu terrivel odor incommoda-a muito e, emquanto teve forças, ella os empurrou para o mar, onde os tubarões, a quem elles haviam escapado, devoravam-n'os. Quando se sentiu demastido fraco, contentava-se em afastar-se delles e não para muito longe, dada a exiguidade da ilha.

Depois de ter consumido seu ultimo côco, ella se esforçou para descobrir outros. Mas não havia cocos. So havia cadaveres.

Ella se deitou na areia, aniquillada. De repente viu diante de si um corpo humano que fluctuava e que a vague lhe jogava. Era um homem branco, de cabelleira ruiva.

Ella se arrastou até o corpo, curiosa de saber quem era aquelle afogado. Mas o rosto, quasi todo comido pelos peixes, estava irreconhecivel.

Naouri deitou-se de novo na areia. No fim de uma hora ella se ergueu e voltou para a horrivel coisa. Não aquelle homem não lhe era um desconhecido!

Um relampago atravessou-lhe o cerebro. O homem que ali estava, não era outro senão Levy, o judeu allemão, que tinha comprado de Toriki a famosa perola, e a tinha carregado no Hiram.

Certamente o Hiram, durante a tempestade tinha se despedaçado. O deus dos ladrões havia abandonado o judeu á sua má sorte.

Naouri estava arquejante.

Sob as vestes gotejantes, ella procurou o cinto do morto e, tendo-o encontrado, crispou nelle, febrilmente os dedos. As fivellas cederam e a velha se poz a remexer, uns após outros, os bolsos interiores do cinto.

A perola não estava ali... Sim! Sim! Estava no ultimo bolso! Naouri apoderou-se della, com um grito rouco, e examinou-a longamente.

Nenhum engano era possivel. Aquella era bem a perola admiravel, pescada por Maponhi. Ella revirou-a na mão e acariciou-a com amor.

Não era a belleza da perola que a hypnotisava. Mas, bem depressa, haviar, resurgido aos olhos da velha mulher, a visão da casa sonhada, com um tecto de folha de zinco ondulado, um telogio de quadrante octogonal, suspenso á parede da grande sala.

Eis que valia a pena viver!

No tecido que lhe havia servido de vestido, Naouri rasgou uma longa tira, na qual envolveu a perola; depois amarrrou tudo, solidamente em volta do pescoço.

Voltara-lhe a coragem e ella percorreu a praia, procurando cocos. Encontrou um. Mais outro. Abriu o primetro, bebeu com delicia o liquido que continha, e que era amargo, e cometeu a pôlpa, avidamente, quasi até a casca.

Um pouco mais longe, ella extirpou da areia uma piróga. Faltava a maroma.

Mas ella estava cheia de esperanças

e, algumas horas depois, descobriu a maroma. Tudo marchava bem. A perola era um talisman sem egual.

Para o fim do dia, Naouri percebeu uma caixa de madeira que fluctuava. Ella trouxe-a para a praia e arrancou as taboas. A caixa continha dez latas de salmão em conserva.

Numa dellas praticou uma fenda com o auxilio de uma pedra pontuda. Em seguida, mais difficilmente, depois de longos esforços, foi tirando os fragmentos do salmão.

Oito dias decorreram sem que apparecesse um navio.

Naouri empregou este tempo em ligar a maroma ao tronco de arvore, escavado, que constituia a piróga.

Utilizou, para este trabalho, todas as fibras de côco que possuía a sua disposição, e o que lhe restava do vestido.

O tronco da arvore era um pouco rachado e não havia nenhum meio de o vedar. Então, com uma casca de côco, ella fez um bastidoiro, para evacuar a agua.

Era preciso tambem um remo. Ao preço de fadigas infinitas, Naouri fabricou um, com as taboas da caixa que continha as latas de salmão, e que ella ligou a um galho de arvore, encontrado na praia.

A ligadura precisava ser solida. Por isto Naouri cortou os cabellos, rando no cráneo, servindo-se de um pedaço de estanho de uma das latas, como de uma faca. E, com os seus cabellos, teceu uma boa corda.

No decimo oitavo dia, á meia noite, por um bello luar, Naouri lançou a piróga ao mar e partiu para Hikouérou.

Naouri era velha. As penas soffidas e a insufficiencia de nutrição emmagreceram-na a tal ponto que nada restava della, senão os ossos, os musculos e a pelle.

A piróga era de grande dimensão e feita para ser remada por tres homens robustos. Naouri, entretanto, conduziu-a só, detendo-se de tempos a tempos, para evacuar a agua que entrava pela fenda.

Quando nasceu o dia, Takokota tinha desaparecido; Hikouérou, porém, estava invisivel.

Emquanto Naouri remava para o Sul, uma forte corrente desviou-a para o Oeste.

Rectificando a direcção, ella continuou sua ardua tarefa e, no decurso da tarde, distinguu, á tres milhas de distancia, Hikouérou, despida do bello adorno dos seus coqueiros.

* *

Esta visão reconfortou-a. Mas a corrente tornou-se mais violenta, e o remo, de que se servia a velha mulher, era impotente para fornecer o esforço necessario.

Ao pôr do sol, uma milha somente tinha sido ganha. Naouri comprehendeu que proseguir a lucta, nessas condições, era coisa vã, porque ella se enfraquecia de mais em mais.

Tirou o que pouda da sua lata de salmão, comeu, murmurou uma prece ardente ao seu deus e, deixando-se cair nagua, poz-se a nadar.

Á luz da lua cheia, ella perde constatar que se approximava sensivelmente da terra.

Logo, porém, succedeu o que temia. A menos de vinte pés, uma forte barbatana cortou a agua.

Ella não parou de nadar. No fim de

diz-se...



Indiscutivelmente é agradável saber-se um pouquinho de inglês, agora que os filmes sonoros e falados dominaram por completo os "fans" de Recife.

Ganha-se com isto um prestígio notável.

E, se a tradução é feita em voz alta, os vizinhos não podem dissimular a sua inveja pela afortunada creatura que apanha todos os chistes pronunciados por aquelas vozes roucas, que o vitaphone deturpa, às vezes, desagradavelmente.

Por sua vez, se o tradutor vai ao cinema em companhia da namorada, o prestígio torna-se ainda maior.

Foi o que aconteceu com aquele mocinho, numa das exhibições de "Hollywood Revue".

Metteu-se a explicar, a torto e a direito, o que dizia Jack Benny, "compère" da revista.

Infelizmente, porém, os dotes polyglóticos do alludido mocinho não passavam de simples "figuração".

E as traduções fei as eram piores do que os taes "letrados superpostos em português": Não explicavam coisa alguma...

* * *

* Dias antes da sua anunciada conferencia, que, innegavelmente resultou num brilhante triumpho, o joven musicista e poeta lêra algumas paginas do seu trabalho, numa ródca de amigos intimos.

Ora, estas paginas continham referencias a uma theoria amorosa, descoberta pelo joven musicista, e que se relacionava com a vida de um grande compositor classico.

No entretanto, á ultima hora, foi supprimido o interessante estudo.

O que teria motivado esta resolução do joven conferencista e poeta?

Desejo de tornar mais "grave" a sua palestra?

Pudôr de revelar ao grande publico as suas "fraquezas" sentimentaes?

* * *

* Já muito se disse e já muito se escreveu sobre o amor e seus effeitos.

Estes são os mais varios e os mais surprehendedentes.

Assim é que o joven academico de medicina, impellido pela "consinha preciosa", deu pra viver cantando.

Na chuva e no sol.

Até mesmo durante as aulas.

A sua celebradade está feita entre os collegas.

Agora um conselhozinho ao joven academico: Abandone o curso de medicina. Hollywood precisa de vozes...

* * *

* Felizes os que podem realizar um mi'agre d'aquelles!

Nesta época de amores frivolos e "flirts" inconsequentes, nem mesmo a distancia conseguiu apagar o ternissimo sentimento que nasceu, de repente, no coração da linda creaturinha.

E alguém já nos revelou indizcretamente que mille teme a inutilidade do seu amor.

Não faça isso, mille. Tenha mais confiança na sua propria belleza. E' impossivel que o mocinho despreze uma felicidade tão grande e tão ao alcance da sua mão...



Um poema de Amado Nervo

LOGAR COMMUM...

Logar commum, sejam
louvado por tua limpida prosapia,
e nunca mais os homens te desdenhem.
Expressão dita já por cem milhões
de bocças, está assim santificada.
Cem milhões de bocças
hão chamado: "Deu meu", e cem milhões
de vezes o Eterno
encarnou nesse grito.
Cem milhões de bocças
disséram: "Eu te amo",
e ao dizel-o engendraram cem milhões
de vezes o Amôr, pai do Universo.
Ha todavia loucos que pretendem
dizer algo de novo, porque ignoram
os livros essenciaes
em que tudo está dito (1).
Buscam as phrases barbaras,
as torcidas syntaxes,
as hybridas palavras nunca juntas
antes, e gritam: "Sou um genio, eureka!"
...Mas os sabios escutam e sorriem.

Oh! Natureza, oh! tu, mãe sacratissima!
Oh! tu, a sempre igual e sempre nova,

monotona, uniforme, simples, como
a Eternidade, bendita sejam sempre!
Bendito sejam, mar, cantor perpetuo
da mesma, igual canção... Bendito sejam,
vento, que féres as perennes cordas
das mansas, quiétas arvores submissas.
Benditos sejam, moldes
de que promana o mundo cada dia
semelhante a si proprio;
bendita a unidade das estrellas;
bendita a energia
d'onde tudo provem, e que é identica
sob diversas faces illusorias.
Falemos como os deuses,
que falam sempre o mesmo.
Digamos as palavras
sagradas que disseram os avós
ao rir e ao chorar,
ao amar e ao morrer...
Mas dizer: "amor", "angustias", "morte",
digamol-o em verdade
com amor, com angustias e com morte.

(1) É necessario ser um tonto ou um ignorante para imagi-
nar que se tem uma idéa que nenhum homem teve antes.

--Goethe: FAUSTO.

TRADUÇÃO DE
A U S T R O - C O S T A

A CASA DE MAPOUHI

(CONTINUAÇÃO)

alguns minutos, a barbatana roçou nella, depois se afastou.

O monstro, que se tinha saciado nos dias precedentes, não estava de uma gulodice excessiva.

Naouri compreendeu isso, mas erbia também que, se lhe desse vontade, elle podia cortar-a em dois, com uma só dentada.

Ella nadava sempre, fazendo tudo para ser menos visível, quando a fera reapareceu.

Uma meia hora se passou e o tubarão tornou-se mais ousado. Descrevia em torno de Naouri círculos sempre mais estreitos.

Era inútil se iludir. Cedo ou tarde, o tigre dos mares, que media quinze pés de comprimento, decidir-se-ia a tragar sua presa. Naouri resolveu-se a um golpe de audácia. Decidiu atacar o monstro em primeiro lugar.

Como o tubarão lhe tocasse quasi, ella golpeou-lhe bruscamente o flanco, com o seu punho fechado. O monstro ao mesmo tempo surpreso e estupidamente aterrorizado, deu de cauda na agua e abandonou a partida.

Ella se afastava descrevendo largos círculos e desapareceu finalmente.

Só a mão de Naouri tinha-se ferido ao contacto da pelle aspera do tubarão e o sangue corria abundantemente na agua salgada.

* *

Numa côva feita na areia e coberta com um fragmento de telhado, Maponhi, Téfara e Ngakoura estavam deitados ainda sobre os cobertores estendidos á guisa de leito.

Maponhi e Téfara disputavam. Téfara dizia a seu marido:

— Se me tivesses ouvido, terias ainda a perola. Não precisavas mostral-a ao imaneta.

— Hourou-Hourou, respondeu Maponhi, estava presente quando eu abri a ostra. Repito-te mais uma vez.

— Emfim, obstinha-se Téfara, nós não teremos nem dinheiro nem casa.

— Raoul declarou-me, ainda hontem que se não tivesses vendido a perola a Toriki...

— Não lh'a vendi. Elle tomou-m'a.

— Tomada ou não, Raoul, que foi a Tahiti consultar sua mãe, ter-nos-ia dado a casa e, além disso, dez mil dollars do Chile.

— E' pena, certamente, gemeu Maponhi. Que fazer, porém?

— A perola, pelo menos, pagou minha dívida a Toriki. Ella não foi, pois, completamente perdida.

— Toriki morreu! exclamou Téfara. Sua embarcação sossobrou na tormenta.

— Pagar-te-á elle, jamais, os trezentos dollars de credito que te havia reconhecido? Não, não é verdade?

— E tua dívida, que dizes ter pago com a perola, ter-te-ia elle alguma vez reclamado? Nada se deve aos mortos.

— Foi uma desgraça, reconheço-o... E agora a perola está perdida para todos.

— Tenho somno. Deixa-me dormir Téfara... Como se fosse estirar de novo sobre o cobertor, Maponhi apurou, subito, o ouvido.

De fóra, pela estreita abertura que servia de entrada, chegava um ruido estranho. Dir-se-ia que alguém arquejava pesadamente. Dedoís uma mão moveu a esteira suspensa que fazia de porta.

— Quem vem lá? perguntou Maponhi.

— Naouri. Procuo meu filho. Podés me dizer onde elle está?

Téfara estremeceu e agarrou nervosamente o braço do marido.

— Um fantasma... murmurou ella, batendo os dentes. Um fantasma!

Maponhi sentiu, também, um arripio da cabeça aos pés.

— Boa mulher, disse elle com uma voz tremula, procurando disfarçar a identidade, não conheço bem o teu filho... Elle não está aqui, habita ao lado opposto da laguna.

Um suspiro foi a resposta.

Maponhi começou a serenar. Tinha enganado o fantasma.

— E de onde vens, pobre velha? at riscou elle.

— Do mar... gemeu a voz angustiosa.

— Sim, sim, do mar... E' isto mesmo... articulou imprudentemente Téfara.

— Ah! Ah! Téfara está aqui! replicou a voz exterior.

— Si ella está aqui, meu filho está também. Desde quando Téfara habita uma casa estrangeira?

— Traiste-nos... segredou elle ao ouvido de sua mulher.

— E desde quando, interrogou a voz Maponhi renéga sua velha mãe?

— Não! protestou o infeliz. Maponhi não renega sua velha mãe. Mas eu não sou Maponhi. Maponhi mora do outro lado da laguna.

Ngakoura, não menos aterrorizada que os seus paes, soluçava perdidamente.

A esteira recommençava a se agitar. Depois ella se ergueu, enquanto Maponhi e Téfara rolavam, horrorizados, dirigindo para o fantasma os olhos fóra das orbitas. No pallor da aurora, elles viram, descarnada e nua como um verme, entrar Naouri, gottejante de agua do mar.

Elles cobriram a cabeça com as cobertas.

— Poderias, ao menos, Maponhi dar de beber a tua mãe, disse queixosamente o fantasma.

— Dá-lhe de beber, Téfara... ordenou Maponhi.

(Termina na pagina 30)



Depois da Missa

F. REBELLO

E L L E E E L L A

*Elle é um pavão, figura extranha
Nos nossos círculos sociaes.
Ella na graça que a acompanha
É uma andorinha que cresceu de mais.*

*Loira fina, espiritualisada,
Um sonho puro, tranquillo e bom.
Diz Geraldty com voz maguada
E canta cousas de René Baton,*

*Entre os dois vive apenas
Um vago traço de união;
Ella é feita de arminhos e de pennas.
Elle é feito de pennas de... pavão.*

*Não andam nunca juntos. São casados.
Unidos para sempre. É triste ver
Os olhos della sempre torturados...
E os olhos delle sempre alegres a valer.*

*Ella sonha. Elle "flirta". Ella procura,
Livros... Como a leitura lhe faz bem!
E põe-se a ver em cada livro uma creatura
Que tenha a vida dolorosa que ella tem.*

*Feliz do homem que possa
Despertar os seus olhos para o amor.
É bella, é intelligente, é moça...
Por que soffrer tamanha dôr?*

*Quando a vejo na rua alta e comprida
Passar calma e nostalgica por mim,
Penso no que seria a minha vida
Com uma mulher maravilhosa assim.*

*Come deve ser bom dormir na suave
Caricia embriagadora desse olhar
Que tem meiguices commoventes de ave
E ancias de quem quer aprender a amar.*

*Tudo nella é perfume, é sonho, é graça,
Deslumbramento, embriaguez...
Só depois que ella passa
Eu sinto o mal que ella me fez.*

*Fico a gesticular, perco o decoro.
E sigo atraz do seu perfume que é tão bom!
Minha andorinha de cabellos de ouro...
Meu vidro grande de "tabac-blond!"*

J O Ã O D A A V E N I D A



CARRO DE BOIS

Cantando na chuva

A chuva chovia, fina, estylisada, pondo arrepios na pelle da gente.

A cidade illuminou-se. As luzes pareciam chorar com frio.

Depois, um aguaceiro pesado, n.e donho, bateu no cimento preto das ruas, quebrando a elegancia da tarde de inverno.

Em vão, esperámos um bonde pro bairro chic. Trafego interrompido.

Telephones tambem interrompidos.

Decididamente, tinhamos de enfrentar a incivilidade do tempo.

A sombrinha, o *manteau*, a gabardine, foram absolutamente insufficientes.

Automoveis passavam businando, businando.

Um relampago clareou-nos. Ella dissera — tenho horror ás tempestades...

Pela primeira vez tive noção do que fóra o diluvio universal.

Pensel n'Arca de Noé. Na adoração do deus Jaggahut. No rei de Nephelim.

Vimo-nos, Japhet e Myriam. Mas, u'a Myriam muito mais bonita que Dolores Costello.

As arvores dum parque, erectas, enfileiradas, lembraram-me os soldados das legiões de Nephelim.

Ah! Mas, ainda, não seria desta vez que Jaggahut teria um sacrificio ao seu culto.

Eu seria mais forte que todos os *Japhets* da historia sagrada, em defesa de Myriam.

A chuva continuava torrencial, devastadora, a encharcar as ruas, a inundar as ruas.

Eu cantei:

*I'm singin'n the rain
Just singin'n the rain
What a glorious feeling
I'm happy again.*

O bairro chic poderia ser no fim do mundo, na Groenlandia, e eu não me cansaria...

Os pharões de um automovel projectaram-se em nós.

—Meu Deus!

—Que susto!

E o *Chrysler* beije passou.

Positivamente estavamos de sorte. Não fomos reconhecidos.

Mas, se nos reconhecessem, o mais que poderia succeder era a antecpação de algum acontecimento...

Chegámos, afinal, ao villino do bairro chic.

Eu lhe affirmei — Myriam, *nobody but you!*

Chuva bemdita. Chuva christá. Chuva de Deus.

Em casa, enquanto a victrola gravava *Singin in the rain*, eu batia um *cocktail páu brasil*, a maior criação de Guilherme de Almeida.

JOAO RUFINO

Glauce
Pinto



5 MEMÓRIAS FRÍVOLAS DE UM PROVINCIANO ROMÂNTICO

A gente ás vêses toma da penna e scisma de escrever um punhado de coisas sérias. Começa. Põe o título. Quando repara, está parado. Mudo. Alheio. Não sei como. E então mesmo que faça força ou deixe de fazer só consegue escrever uma página de saudade.

Mas a culpa não é da gente. Sabem de quem é? Da nossa alma.

Sim, da nossa alma. A alma da gente ás vezes vae a Berlim, a Paris, ao Japão, ao Rio, conversa com Greta Garbo, applaude Josephina Baker e diz até uma chusma de galanteios mais ou menos lyricos a uma menina de olhos castanhos e cabelos negros que foi o nosso maior amor. E' a coisa mais livre que eu conheço.

— Nosso Senhor, conserve sempre a alma da gente livre assim...

* * *

Eu hontem amanheci com um desejo damnado de escrever um artigo longo, muito longo, sobre o doutor Octavio Mangabeira. Eu não sei se vocês sabem que o doutor Octavio Mangabeira é uma das minhas maiores admirações.

Pois bem. Peguei a penna e puz o título: "Um grande chanceler". Principiei a pensar. Bordei phrases. Idealizei períodos. Períodos que produzissem tanto effeito quanto foguete que sobe pro céu em noite de S. João.

Fumei quatro cigarros. Um atraz do outro. Suspirei. Fiquei nervoso. Não adiantou. A minha alma estava brincando de ser feliz com o meu passado. E ao invés da pagina seria escrevi uma pagina quase maluca. Uma pagina de saudade. Escrevi essas minhas cinco memorias frivolas de provinciano romantico...

Foi melhor assim.

MEU PRIMEIRO INIMIGO

Naquelle tempo o mundo dividia-se pra mim em duas partes: o jardim lá de casa e o Collegio Diocesano.

O Collegio Diocesano era o inferno. Porque todo dia eu ficava de castigo copiando duzentas linhas. O jardim lá de casa era o céu. Porque era lá que eu brincava de esconder, de quatro cantos, com uma menina de olhos azues que era minha vizinha.

Uma manhã, eu levei uma topada no dedo grande do pé esquerdo. Quando chegou de tarde, os meus collegas vieram brincar commigo de fita de cinema. A menina de olhos azues veiu tambem. A menina de olhos azues ia ser a artista. Eu era o artista. Mas, como estava doente, o Manoel foi trabalhar no meu logar. Eu fiquei logo com ciumes do Manoel. A fita terminava o artista casando-se com a artista.

Fita da Fox, já se vê...

Começaram a brincadeira. Na luta entre o artista e os bandidos, o Ma-

noel levou um sócco que viu estrelas. Eu fiquei satisfeito como quê.

Continuaram.

Quando chegou na ultima scena, o Manoel beijou a menina de olhos azues. Todos acharam o Manoel formidavel. Buck Jones tambem tinha beijado a artista na fita de verdade. Eu, porém, fiquei furo e lasquei a cabeça delle com um pinhão.

O Manoel foi o meu primeiro inimigo...

A MENINA QUE ME ESCRIVIA COM ERROS DE PORTUGUÊS

Ella era o caso mais serio de todos que eu possuia. Quase perdi um anno no Lyceu por sua causa. Avaliem que passava o dia inteiro, no meu quarto, revolvendo tudo que ella tinha me dado. Uma medalha de ouro com Santa Theresinha, uns cartões-postaes, um retrato seu e um pacote desse tamanho de cartas escriptas em papel de linho côr-de-rosa.

Ah! as suas cartas... Eu era doído pelas cartas que ella me mandava. Somentemente porque eram escriptas com portuguez ruim... Chegava a telefonar-lhe dizendo — de mentira — que estava doente só pra receber uma cartinha sua.

Como me faziam bem aquelles erros em papel de linho côr-de-rosa e perfumados por uma essencia finissima de Isabey!...

Mas um dia ella me escreveu uma carta muito longa. A maior entre todas que me havia escripto. Li-a muitas vezes. Três vêzes, creio. E não encontrei nem erros de orthographia, nem de collocação de pronomes.

Nunca mais quiz saber della...

O ACASO CAMARADA E O MEU PRIMEIRO LENÇO SUJO DE ROUGE

Eu passava todas as manhãs, antes de aula, pela sua linda vivenda em Botafogo. Era o bangalô mais bonito da rua de S. Clemente. E a via envolta no seu admiravel roupão grenat a cuidar de umas lindas magnolias.

Durante minutos seguidos, eu ficava a vel-a fazendo o "trottoir" pelas alamedas. Vi-a colhendo um cravo aqui, uma violeta além, um bogary um pouco mais adiante.

De uma feita, passei acompanhado de um collega. Ella, apesar de muito cedinho, lá estava, meiga e fascinante, a acariciar uma rosa esplendida nas mãos...

Eu não pude conter minha exaltação vendo a rosa (era estudante de botanica, neste tempo) e exclamei:

— Linda! Linda!

Ella olhou pra mim e sorriu. Tinha julgado que a phrase era pra ella. E aceitou-a...

De noite, voltei. Ella me esperava no portão...

... ..
E, quando sahi de lá, trouxe o meu primeiro lenço sujo de rouge...

PORQUE OS MEUS OLHOS ERAM BONITOS

Essa é a minha memoria mais vaidosa. Parece até um auto-elogio. Mas não é. Não tem nada de cabotinismo. Duvidam? Escutem-na bem direitinho:

Todas as tardes ella me telephonava. Isso chovesse ou fizesse sol. E me dizia baixinho um bocado de coisas que me acariciava a alma.

Um dia, porem, muito cedinho, o criado avisou-me que ella me chamava, nervosa, ao aparelho. Fui atende-la:

Allô é você, querida?

— Sim, sou eu mesma. Toquei muito cedo pra lhe passar um desafôro. Estou aqui com você... O que existia entre nós está tudo acabado. Não é que pelo simples facto daquelle minha amiguinha ter dito que achava os seus olhos lindos, meigos, mortos, românticos, você poz tudo isso no poema que o "Jornal" publicou hoje!...

— Mas, meu bem...

— Que bem... que nada... você não presta é o que é...

— Mas escute-me: você foi que não comprehendeu o meu poema...

— Como?!

— Estou dizendo que você foi que não comprehendeu o meu poema. Deixe de ciumes... Si eu disse aquillo tudo dos meus olhos, foi tão só porque elles olham pra você...

— Ah! agora é que estou comprehendendo o poema. Fale mais, amorzinho. Você me desculpe. Como estou arrependida! Você vem hoje me vêr? Venha, coração. Eu quero beijar muito, muito, os seus olhos...

... ..
E desde esse dia os meus olhos foram pra ella a coisa mais bonita do mundo...

Me digam se não precisa geito pra viver com mulheres...

O ORACULO QUE NÃO FOI CAMARADA

A gente passava o dia a fazer planos e a comprar bilhetes de sorte-grande. Ella já tinha até me dado uma nota com tudo que queria. Um bangalô, uma viagem a Paris, outra a Hollywood, uma barata azul igualzinha á de Gracia Morena, quinze modelos completos de Patou e um punhado de coisas mais...

Só faltava mesmo eu tirar o bilhete da sorte-grande...

Um dia ella me appareceu alegre como nunca. Faltava pouco pra gente materialisar os nossos objectivos. Ella tinha lido num jornal que a casa X vendia um oraculo que trazia o destino de todo-mundo. Comprámos um pra ver o nosso.

Quando chegou no bonde, ella não poudo supportar a curiosidade e principiou a ler o livro. E leu que "quem se casa com homens nascidos a 20 de setembro só é feliz depois dos 50 annos".

No outro dia, vi-a passeiando com um amigo meu. Elle teve a ventura de nascer em 22 de abril...

A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

Joan Crawford, "jazz-baby" impossível, inventada numa noite alegre do Coconut Grove, ao ritmo dos "charlestons" de Ben Selvin, entre confetti, serpentinas e enormes bolas coloridas, — cheia de ar como a cabecinha loira de uma "flapper" — espalhou a sua voz pelo mundo, nos discos de "Hollywood Revue", e veio explicar aos "fans" de Pernambuco que "tinha um sentimento por alguém".

"Charming Joan", quando você cantou :

"The whole day I talk about you,
The whole night I think about you.."

eu tive vontade de lhe perguntar se aquillo tinha chegado, assim, de re-

peite, enchendo os seus olhos e o seu coração, como um rostinho movente e inesperado, vindo não sei de onde, que, no cinema, me fez pensar na talice grande de ter também um "sentimento" bem doce, que me dê-se noites inuteis e cheias de lyrismo...

J E A N

ANNIVERSARIOS

HOJE:

Senhora Marietta Dubeux
Sr. Cyro Campello.
Sr. Lino de Almeida.
Sra. Margarida Moraes.
Ruy Mendonça.

DIA 11: —

Prof. Paulino de Andrade.
Sr. Edgard de Souza Queiroz.
Sra. Olympia Teixeira de Carvalho.
Sra. Rosa Hartman Spencer.
Sr. Alarico Pereira.

DIA 12: —

Senhorinha Maria Alice Nunes.

Sr. Amaro Samico Mello.
Sra. Maria Amélia Walter.
Mecino Boanerges Leite.
Senhorinha Noemia Motta.

DIA 13: —

Sr. Antonio de Assis Guedes.
Sr. Luiz Arelas.
Sra. Margarida Soares Mello.
Sr. Francisco de Lyra Guedes.

DIA 14: —

Sra. Maria Carolina da Motta.
Senhorinha Olga Mello.
Senhorinha Maria José Gomes.
Sr. Jorge Miranda.
Sr. Gil Maranhão.

DIA 15: —

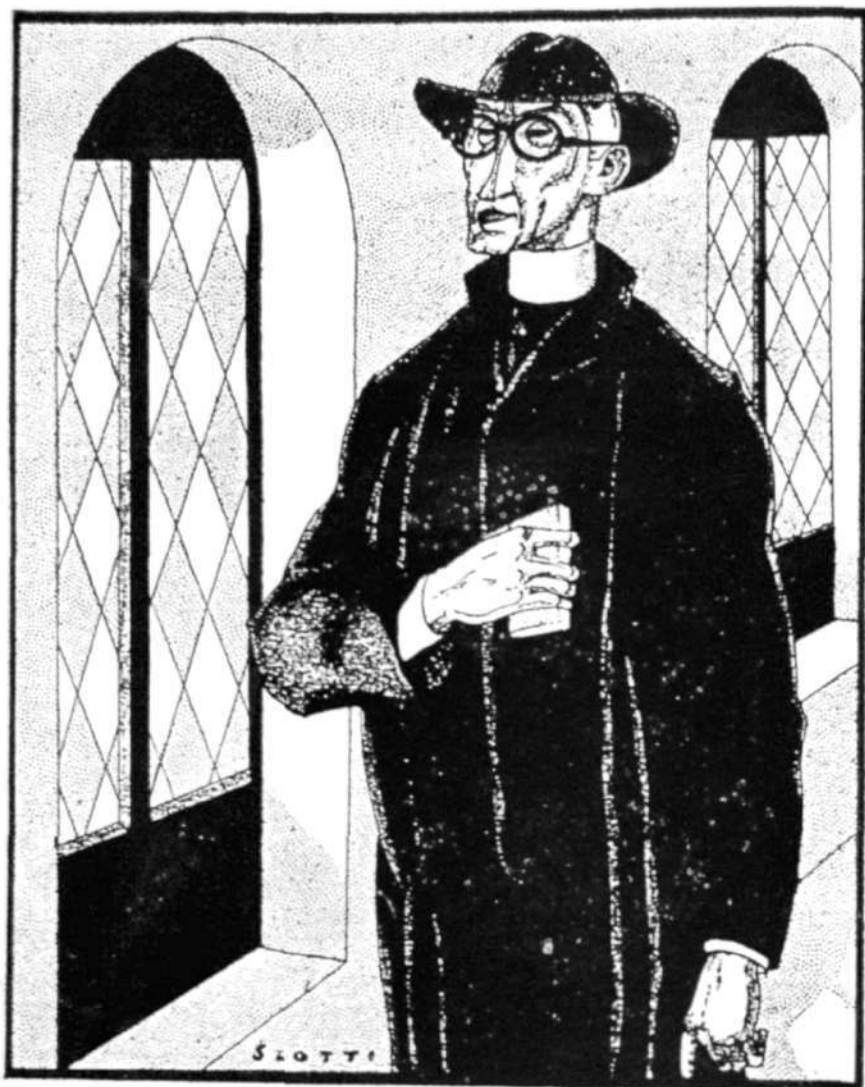
Dr. Coelho de Almeida.
Sra. Enedina Rocha.
Senhorinha Marianna Araujo.
Senhorinha Maria Lucia Lopes Neves

DIA 16: —

Senhorinha Clrony Paiva.
Mecino Joel Assumpção.
Sr. Antonio de Oliveira Cavalcanti.
Senhorinha Lilia Ledebour.



Festa commemorativa do dia do trabalho na Associação dos Empregados no Commercio



AUTONECROLOGIA

Por

FRANCISCO GRANDMONTAGNE

Mr. Morris, pastor protestante inglês, gozou, enquanto viveu, a reputação de ser extremamente original. Esta originalidade derivava de sua rapidez lógica, á qual ajustava todos os actos de sua vida moral e de sua acção pratica. Entre sua maneira de pensar e sua maneira de viver não havia contradição alguma. Agia de accordo com o conceito estricto que havia formado dessa vida e da outra. Nada, nem ninguém modificava essa concepção. Elle era o typo perfeito da intolerancia, fechando o coração e o entendimento a toda debilidade humana, quer se tratasse das relações correntes da existencia ou das concepções de além-tumulo. Em seu espirito não havia logar para as menores negligencias de conducta, nem amparo bonifico para quantos se debatessem no caminho que conduz á gloria eterna, cujo itinerario dominava-o de uma maneira absoluta, como se, antes da morte, já o houvesse percorrido multiplicas vezes. Não ha mais necessidade de palavras para demonstrar que o pastor

Morris era um homem perfeito, de uma perfeição um pouco aspera e dura, como é sempre a que se funda em toda direcção retilinea, insubordinada ás brandas concessões que impõe o trato social. A verdade — a verdade de Morris — não admittia nenhum resquicio de tolerancia que podesse abalar a firmeza de suas bases. Difficilmente os homens dessa prodigiosa contextura moral formam escola; porém, ainda que sejam modelos innaccessíveis, permanecem duradouro o seu exemplo, como uma meta ideal, da qual alguns podem se aproximar porém ninguém, nesta época poderá attingir.

Para provar isto, bastará observar que o santoral está encerrado ha muito tempo. Talvez seja Morris o unico que, em nossos dias, tenha logrado alcançar tao sublime hierarchia.

O pastor Morris morreu recentemente, merecendo as justas homenagens de toda a imprensa inglesa, se bem tenham opposto alguns "mas" á aspera rigidez de sua austeridade. Poucos

dias antes de morrer, e suspeitando os exaggeros oratorios em que incorreriam os amigos no momento do enterro, imprimiu um disco com sua propria necrologia, pintandó-se a si mesmo numa ampla descripção do que foi em vida. Não queria ser victima de interpretações contrarias, nem motivo de exhibição dos qui- accetam a morte de qualquer amigo, para mostrar a amplitude de seu lexico e de suas metaphoras, nas costas do cadaver Morris sentiu sempre a inquietude desse transe, julgando, como Maontaigne, que os mortos mais mortos são os que não pensam na ultima viagem. Porém tanto como esta viagem definitiva sem esperança de regresso, preocupava-o que não ficasse no mundo, sobre sua memoria, o mais leve engano, fructo da oratoria de seus necrologistas. E dahi a previsão do disco, forma de evitar descripções absurdas e conceitos apartados da razão e da verdade. Porque ha necrolatas sentimentaes que se lançam pelos cimões de Ubeda para descrever os amigos fallecidos.

O cadaver de Morris foi incinerado. E por disposição testamentaria, ao começar a chamuscar-se, deu-se corda ao disco, irrompendo a voz do morto — quando era vivo — no meio dos conternados assistentes. A impressão foi enorme, surprehendente em extremo grão, como se aquelles accentos oratorios procedessem do outro mundo. A voz era forte, timbrada, atroadora e os conceitos seguros firmes e apophtegmaticos.

Os que assistiam a incineração escutaram a oração funebre que parecia surgir das proprias chammas alimentadas pelo corpo defunto. Morris havia graduado bem a duração da necrologia que o final coincidiu precisamente com a consumpção de seus restos. Só calou quando apenas restavam as cinzas.

E não foram estas jogadas ao vento, como um acto posthumo de humildade. Nos ultimos dias de sua austerrissima vida, Morris tinha acabado de escrever um livro, um diario de suas viagens pela Europa, recolhendo multiplas observações acerca dos costumes do continente. Por disposição testamentaria, a edição devia ser distribuida gratuitamente entre os seus amigos, levando cada exemplar um pouco das cinzas de seu auctor.

Assim, pois, Morris dedicava a quattos amou em vida, não só sua alma, latente nas paginas, como tambem seus proprios ossos calcinados e reduzidos a minima expressão.

Não pôde haver dedicatória mais completa. Ao ler o livro, ao contemplar a cinza e ao evocar a autonecrologia emquanto a pira consumia seus despojos, os amigos experimentavam a sensação de ter Morris entre as mãos, em cada exemplar de sua obra literaria. Nenhum delles poderia, jamais, esquecer...

* *

Ninguém pense que a oração funebre, a autonecrologia de Morris, foi um dithyrambo, uma apologia hiperbolica e exorbitante. Elle conseguiu observar-se serenamente, sahir de si proprio e contemplar o panorama de sua vida como se correspondesse a um estranho, a outra creatura, livrando, assim, sua analyse, daquelle apego a propria personalidade que perturba e prejudica todos os juizos. O amor proprio, que é de todos os amores o mais forte, nos induz sempre a termos, de nós mesmos, a impressão de que somos architypos de perfeição. Segundo Tomaseo, o eu pôde ser dividido em dois: o amante e o amado; o homem ama a parte divina de si mesmo; porém frequentemente confunde a divina com a humana. Para fugir dessa confusão, origem de todas as falsas apreciações

(Termina na pagina 24)



DUAS



Você tem que me ouvir

Se você fosse minha,
Deus do Céu !
Misericórdia, mãe de Deus !
Eu ficava doidinho da silva.
Compraria logo um "lorgnon" côr de rosa
para você me vê de longe
porque eu sou feio que sou damnado;
embalaria o seu somno bemaventurado
cantando ao punho de sua rêde cheirosa
a minha canção infantil:
ahn... ahn... ahn... ahn... ahn... ahn...

Deus do Céu !
será possível uma creatura ser feliz assim,
atravez de um "lorgnon" côr de rosa

nos olhos de quem possa ver a agudeza do espirito
do homem feio a quem ame ?
Mãe de Deus, você me ajude nessa conquista tão
[grande
da beleza physica
sobre a fealdade do talento !
Eu quero embalar o dôce somno da mulher incon-
[frontavel
cantando, melodioso, ao entardecer, as minhas po-
[bres canções infantis.

Se você fosse minha, Deus do Céu !
Eu até gostaria de você,
Por Nossa Senhora !

(Inédito)

E S D R A S - F A R I A S
M I S S P E R N A M B U C O



LINHA MÁGICA

Meu amor, você sabe
 Que essas pupillas indecisas
 Côr do horizonte nas manhãs claras de estio,
 Esses seus olhos,
 São novellos de sêda illuminada?
 E que esses fios mysteriosos,
 enfeitados,
 Têm o poder immenso
 De prender corações eternamente?

Naquelle dia em que você me olhou,
 Tão cheia de ternura,
 Entre um esboço pequenino
 De "flirt" e de sorriso,

Você não pode imaginar, querida,
 O que os seus olhos tão estranhos me fizeram.

Naquelle dôce instante,
 Dessas meadas,
 Desprenderam-se ethereos
 Como raios de estrella,
 Dois fios tenues, claros, muito leves.

E a linha magica, azulada,
 Foi-me fantastica, de manso,
 Em sua luz subtil enleando,
 Para você,
 O coração inteiro, a vida toda!...

FRANCISQUINHA DE CAMPOS

 LÁ EM OLINDA, A CIDADE FELIZ...



Gente nova de Alagôas

RAUL LIMA — Ha pessoas que mesmo sem habilitarem em bilhete de sorte-grande arrumam com Nosso Senhor um geito bom de viverem felizes neste mundo. Não sei lá o que fazem pra isso. Mas arrumam. Destino, talvez... E Raul Lima, um menino-talento de Maceió que aparece hoje em "Pra Você", é uma dessas pessoas...

Imagem que elle realiza o milagre de viver em literatura como vive mundanamente. Isto é: Raul anda sempre olhando o empate existente entre o numero de personalidades bonitas que possui e o numero de ternos elegantissimos que veste.

Elle é poeta. E "conteur". E' critico. E' jornalista. E é até chronista frívolo.

Nesta sua ultima modalidade, porém, é que mais o admiro. Aliás, foi graças a ella que Raul pegou o prestigio bonito que hoje goza. Dizia o Honoré de Balzac que, para um artista alcançar a gloria, tinha que conseguir, primeiro, a admiração das mulheres. E elle cavou isso: não ha uma mulher por ahi que não tenha uma admiraçõesinha abafada ou descoberta pelo Raul. Dahi eu não saber muito bem se a minha preferencia por elle, o chronista de coisas futeis, vem (franqueza) do contacto que tenho com as "jeunefilles" daqui, pra quem as suas chronicas diarias no "Jornal de Alagôas" são "o seu relógio de pulso", como disse um dia disse o meu amigo do peito Lobão Filho, ou se ella é espontanea. Mas a verdadesinha despida e crúa é que eu o prefiro o chronista das tolices esplendidas ao poeta dos versos tristes. Ao "conteur" das historias ingenuas. Ao critico das paginas agudas. Ao jornalista dos comentarios fulminantes, que têm irritação a muita gente-grande não só da sua terra como de fóra tambem.

Isso, no entanto, não é porque Raul faça sonetos com chave-de-couro. Nem contos narrando paysagens em que a lua está lá por cima "atirando os seus palotes raios sobre a cidade nostalgica". Nem tampouco critica

citando como autoridade maxima o senhor Medeiros e Albuquerque, que é depois do doutor Mario Mélo o sujeito mais horroroso do mundo.

Não. Absolutamente não. Deus me livre de vêr Raul escrevendo assim.

Elle é interessante tambem quando faz obra de pensamento. Em tudo a gente tópa esta inquieta vibração do Brasil de hoje. Do Brasil novinho, cheirando a leite, que tocou fogo com phosphoro "Papagaio" nos livros de um tal Vargas Via e anda de gillette em punho pra cortar os bigodões tintos de Negriia do pharmaceutico Alerto Chatterimo de Oliveira.

Mas é que Raul Lima faz as suas chronicas mundanas com "a displencia de quem fuma um cigarro ingiês". E isso me faz muito bem. Não pôde nunca me irritar o fígado. A mais, como chronista elegante elle é mais o Raul elle mesmo, é mais o Raul o amigo da gente é mais o Raul "causer" irreprehensivel. E assim es á claro que devo preferir-o aos outros que não conheço pessoalmente.

Questão, tão só, de horror ás attitudes...

Dahi eu ter exigido d'elle, quando pedi sua collaboração pra "Pra você", um trabalho em que elle fosse o Raul elle mesmo.

A principio elle não quiz dar. Fez fita. Bancou o modesto. "Só se fór um trabalho serio", disse. Mas depois — que geito! — cedeu. E me entregou um que é um brinco: "Você, doentinha..."

"Você, doentinha..." (aqui pra nós) é a historia de uma gripe complicadissima que o "caso" amoroso do Raul teve outro dia. Avaliem que o pobresinho do "caso" ficou com os olhos languidos. As mãos febris. As faces vermelhas. Deu pra falar pouco e olhar muito. O diabo... Mas vocês não fiquem com pena delie não. Sabem por que? Porque tudo isso foi pra tapear. Foi somente pro Raul fazer este poema em prosa que vocês vão transformar em calçada de Avenida pra seus olhinhos fazerem fact'ing sobre ella... — C. D.

UM BOM RAPAZ

— Você conhece Fulano?

— Conheço, sim. E' um bom rapaz.

Essa resposta é quasi infalivel como medida de informação. E não ha outra que anarquise tão bem uma personalidade.

Um bom rapaz é, em geral, um tipo burguês e provinciano, perfect type da mediocridade.

E' sobretudo chato. Chatterimo. Absolutamente abominavel.

No entanto esse um bom rapaz o sempre dito com a mais santa das intenções.

Apenas uma questão de interpretação...

O meu amigo Carlos, por exemplo, é um bom rapaz. Primeiro caracteristico: passadista. Lê, assiduamente, os artigos daquêle gozadissimo Mario Mélo e detesta tudo quanto cheira a "futurismo".

Pertence a uma sociedade literaria e tem a suprema sensaboria de gostar dos versos do sr. Bastos Portêla.

Diz, no seu francês de aldeia, que a poesia é "faite d'amour et de grandes manifestations naturelles"...

Engraçado o meu amigo Carlos...

Austro-Costa é o primeiro poeta de Pernambuco. Isso é uma coisa que não se discute porque dizer o contrario é um *sinwithout mercy*. Austro é uma especie de estrangeiro dentro da propria terra. Incompreendido. Injuriado. Porque tem mais talento do que todo mundo.

Um bom rapaz não gosta dos versos de Austro. São muito adoidados. Ninguém entende.

Pois é. Se todo mundo gostasse dos versos de Austro-Costa êle se tornaria simplesmente um imbecil...

"Hollywood Revue" é another world's thing. Eu me portei de uma maneira perfeitamente digna de um "fan" que preza antes de tudo o seu bom gosto: assisti-a seis vezes.

Logo, na "première", á saída, o meu amigo Carlos (o tipo que eu tomei para caracterisar um bom rapaz) se gurando-me o braço disse-me essa frase hedionda:

— Qual, meu caro! Isto não é "fi-



Yolanda Santos, Miss Pernambuco

ta" que se veja. Não tem nem um romance de amor...

Um bom rapaz tem, em geral, pretensões a literato. Faz versos (sonetos, já se vê!) às estrelas, à lua, to the whole heaven.

Amã como um idiota. Liricamente. Romanticamente. De longe, com vontade de fazer a maxima estultice de casar...

Não gosta de ginger-ale. Toma apenas gazosas...

Na hora agitadaissima do "five o'clock tea" e o "cocktail" não vae á rua Nova. Fica, em casa, estudando umas frases kilometricas para dizer, á noite, á namorada...

No bonde senta-se sempre nos primeiros bancos e abre um livro de estudo. P'ra bancar importancia. Dá muita pôse ler, muito embora sem entender, as teorias contidas no "L'atomistique" de Bernard Bavink...

Essas considerações me vieram á mente outro dia em que eu conversava com uma dessas pequenas **natural product of the century**, lembrança extranha de uma farra de Montmartre.



As "misses" antes do jury

Conversavamos sobre a nossa vida e a dos outros...

Passou um individuo horripilante. Calças apertadas de 20 centímetros de "bôca". Palitô-jaquetão preto de 4 botões. Colarinho alto. Botinas pretas de bico fino. Um sujeito préistorico!

Lisete perguntou-me:

—Você o conhece?

—...

—Ah! E' um bom rapaz! Pensa até

em casar...

Lisete fechou a frase com uma gostosissima gargalhada. Aliás uma gargalhada é a única, a sincera, a mais espontanea homenagem que uma moça civilisada pode ter para a **supreme imbecilidade de um bom rapaz**...

Perdão, egregios e abalisados pasadistas do Recife!

Alvaro Lyns

Você, doentinha

Eu pensei que já gostasse menos de você. Faz tanto tempo já que você é o mesmo sorriso lindo que se abre docemente pra mim como um permanente boa-tarde...

Mas, agora, você adoeceu.

E, doentinha, eu me apaixonei de novo por você.

Seus olhos languidos,

suas mãos febris,

suas faces vermelhinhas de sangue verdadeiro...

Toda essa expressão de enlanguescimento e melancolia que eu vi em você...

Falando menos e me olhando mais, bem dentro dos meus olhos, você me communicou a sua doce tristeza de enferma...

E eu que gosto tanto das coisas suaves, medico di-

plomado em sensibilidades, vi crescer a nossa deliciosa "amitié amoureuse".

(Tambem eu soffro do odio theorico das mulheres. Mas as enfermas bonitas são irresistiveis).

Você ficou que parecia uma santinha. Tão perto de Deus eu achei você, que quasi não lhe falo e nem lhe toco nas mãos.

Estava mais loira e tinha na physionomia a vaga expressão das coisas infinitas...

E o que senti por você pensei que fosse pena. Mas era amor...

Você deveria adoecer de vez em quando.

O ciume de Deus, que é o medo de perder, me aproxima tanto de você...

R A U L L I M A

UM CAPITULO FRIVOLO

POR HECTOR OLIVERA LAVIE

(Trad. de "Pra Você")

Achavamo-nos na terrassa do hotel Imperial de Bregenz, sobre o pasmoso lago Constanza. Fazia um dia esplendido de sol.

O lago tinha uma cor azul, clara e brilhante. Um vaporzinho afastava-se da margem, lentamente, e deixava na ruga um sulco palpitante de crystallinas espumas.

Ao fundo, surgia a cadeia de montanhas, com suas cryptas nevadas.

O ar tranquillo, transparente, recitava uma vista soberba de campinas verdes, de campanarios erguidos sobre um mar de tectos vermelhos e escuros, no céu de anil viam-se nuvens brancas, immoveis como de marmore.

Havia ali, sentadas em minha mesa duas senhoras. Uma dellas era hespanhola, a outra franceza. A hespanhola, nascida em Asturias, chamava-se Consuelo Robles Filha de um abastado industrial, corria o mundo acompanhada de sua mãe, satisfazendo o prurido hegeliano uma "tendance a nouvelles perceptions".

A senhora franceza, casada com um senhor de Bordéca que não era precisamente o de Montaigne, visitava as thermas medicinas por prescrição medica.

Era a hespanhola uma mulher alta, de nariz de olhos negros luzentes e de rosto cheio de malicia.

A franceza tinha um certo ar tranquillo e uma finura cinematographica. De modelo. Pintava os olhos com azul e a bocca em fórma de coração, com rouge. Consuelo Robles despezava um tanto os adornos, e era positivamente sympathica. Tinha uma conversação intelligente e agradável e ria com um riso crystallino que acabava por comunicar a todos um certo optimismo dynamico.

Quando se viaja é de boa pratica o tom e o sacceto optimista. O mundo — já o sabemos — anima-se e coloriza-se com as refracções do nosso espirito. E' um espelho onde se vão reflectindo nossas proprias imagens. Colocado como estou entre o optimismo estoico e a sorridente indiferença, apoiava-me na hespanhola para o entusiasmo e a jovialidade, e na franceza para o contróle e compostura artisticas. Assimila-se-me tornando em extremo agradável minha estada no hotel de Bregenz.

Depois do almoço costumava ir reunir-me ás minhas amigas na terrassa do hotel. Conversavamos, bebiamos bom café e fumavamos cigarros perfumados.

Ariette accendia um cigarro atraz do outro e se extasiava com as volutas do fumo, que traçavam raros arabescos sobre os seus cabellos cor de ouro. A's vezes apparecia ali, o marido, monsieur Gaston. Este senhor chegava opportunamente para envenenar-nos a reunião. Fertencia a esse grupo de pessoas que não sabem perguntar, que não sabem farejar o ambiente que vivem sem ar em volta de si, de tal maneira que chegam como que transportando uma perçáo de vazio...

Basta a sua presença para abafar as vozes, desfigurar os risos, modificar a temperatura...

São feitas para a rotina, para as phrases de uso corrente, para os sentimentos geraes. São typo "standard". Claro que ainda bem não chegava o hospede eu me retrahia, encolhendo-me como um molusco. Ellas tambem, com esse fino olfacto da mulher, sentiam o mesmo mal estar.

— Sabe — dizia elle — que as açóes da Petrolera estão castigadas? — e na seguida: — não julga, como eu, que esse discurso de Poincaré attingirá o mercado?

Respondia eu com duas phrases do teor geral e esperava, silencioso, que qualquer senhor do hotel o levasse para jogar uma partida de dominó. Jogavam pelo café. Não faziam "poker" nem baralhavam fichas.

— Não... não... é uma bondade que elle tem: — affirmava a senhora Ariette — não se joga o dinheiro...

— E' uma lastima — contestei uma vez — o jogo tem uma virtude: a de arruinar os imbecis.

Deleitava-me por vezes, em fazer phrases "brumellanas", porém confesso que não as plagava dos almanacks nem dos receiptarios humoristicos.

Tinha, nisto, certa espontaneidade: creadora e sabia maneja-la com provelto.

Claro que não agradava muito a boa franceza, a morosidade mental do marido. Em compensação a hespanhola se regosijava com o meu aborrecimento e com o de sua amiga.

Existe entre as mulheres casadas e solteiras uma rivalidade curiosa. Tem alguns pontos semelhantes com as rivalidades entre Lómens, porém é mais aguda, mais fina, mais subtil. Occulta-se sempre atraz de delicadezas de expressão e de sorrisos amaveis.

Não chega a phrase não se manifesta numa pergunta, nem se resolve numa affirmação. E' uma força extranha, latente, um magnetismo livre que circunda, que envolve, que fórma atmosphera e acaba por converter-se em alguma coisa accessivel aos olhos...

E' necessario ser sensível para perceber toda a profundidade desse sentimento puramente feminino.

O certo é que Consuelo, a formosa hespanhola que tinha, para mim pelo menos, o encanto de uma figura de Merimée, sentia intimamente, a vulgaridade do homem casado com sua amiga. Sentia-a e dissimulava-o com uma feroz alegria... Certa tarde a franceza animou-se a dizer-me:

— Acredita o senhor, sinceramente, que eu esteja enamorada de meu marido?

— Por que não? E' muito possivel! — respondi.

— Ah, acredita! — replicou — Menos mal... Agora, ao menos, poderei fazer-lhe uma pergunta que me tente ha alguns dias...

— As que a senhora quizer.

— Vejamos... uma só que vale por varias: poderia o senhor explicar-me que diabo é "o amor", ou ao menos que entende o senhor por amor?

Confesso que me animei com a pergunta e olhando fixamente a hespanhola, que havia cravado em mim seus grandes olhos cheios de luz, respondi:

— O amor!... Não sei... Recordo-me de haver lido, algures, uma hypothese realmente interessante do sentimento amoroso e do seu antidoto, o sentimento de odio ou de repulção...

— Vejamos... — murmurou a senhora Ariette, enquanto seus dedos afilados iam e viam sobre o arminho do formoso abrigo de pelle.

— Estabelece a hypothese que é provavelmente de Ribót ou de Dubois, que esses dois sentimentos se manifestam, por um mysterioso movimento em espiral de certas fibras cerebraes. Se esse movimento se realiza para a esquerda, produz o amor, se se faz para a direita, traduz-se em odio... A premissa é suggestiva... Não é verdade? Vem demonstrar-nos como, de modo nenhum, intervem a intelligencia na gestação dessas duas formidaveis parallelas affectivas, tão caprichosas, tão tyrannicas...

— Não vejo a demonstração — exclamou, perplexo, a senhorita Consuelo... — se a intelligencia não intervem, o sentimento amoroso será algo puramente animal, instinctivo...

— E por que não?... E' quasi certo que o seja. Assim acharemos logico que um homem culto requintado de espirito, selecto de gostos, enamore-se perdidamente de uma repariga sem encanto e sem nenhuma belleza moral. Isto justifica, sem reservas, o movimento para a esquerda. Igualmente o caso de uma mulher delicada ternas, amorosa, que morre por um homem viciado e vulgar, reafirma a hypothese. Essas antipathias e repulções instantaneas, illogicas, que tão frequentemente nos invadem consistem sem duvida alguma, o movimento, em espiral para a direita.

— E' desanimador — acrescentou a senhora Ariette — vêr-se uma pessoa reduzida a categoria de fantoche, que não sabe o que quer, que não tem a livre faculdade do discernimento...

— Ah, claro! — respondi — que não negarei, que este conceito simplista reduz a um esqueletico phenomeno physiologico, o topico mais discutido e examinado pela moderna psychologia. Já nos deu Schopenhauer, com sua definição do genio da especie, uma interpretação luminosa do sentimento amoroso, porém, succede que, comprovando na vida as premissas do philosopho pessimista, vemos que sua theoria não tem essa unidade categorica que appareça. Ao lado desses dados abrilhantados por um verniz scientifico, devia ser collocada a parte intuitiva, passional. Claro que isto tinha que ser feito com Stendhal e Balzac nos annos...

— Com Balzac? — interrompe a franceza — com esse neuropata literario...

— Naturalmente, com Balzac que era um senhor do amor "in extenso". Estes dois espiritos, esclareceram, em parte, o mysterio. Balzac com uma cadeia ideologica um pouco pesada Stendhal com desenvoltura, com agiltude e com uma força de intuição extraordinaria. Para elle, o amor equiva a um estado alucinatorio, a uma festa dos sentidos, realçada pela sedi-

cosa miragem da imaginação. Recordemos, minhas amigas, sua celebre descoberta comparativa...

— Qual? — interrompeu a franceza — minha memória é pessima.

— Pois é a do galho resequido, despedido de folhas, arrojado ás profundidades das minas de sal de Salzburgo e tirado, depois, todo coberto de brilhantes crystalizações... Assim, o sentimento primitivo, desnudo, transforma-se por obra e graça da imaginação, num outro mais completo, mais harmonicos, provido de facetas e fulgores desconhecidos...

— Quanta literatura! — interrompeu a hespanhola — Creio que o amor é mais simples, de origem mais ingenua.

— Na senhora, pôde ser que sim — respondi; — isso varia; o temperamento é tudo.

— Como?... E as fibras cerebraes? Puz-me a rir. A franceza lançou-me um olhar brilhante, ansioso.

— O senhor é literato... e, além do mais, charlatão.

Assenti cortezmente. Eram dois elogios.

Rimos todos. Tornamos a encher nossas chicanas de café.

Além, via-se o lago quieto, tranquillo, reflectindo, como um crystal, o céu azul e as nuvens brancas... Um cygne cruzava-o, ceremonioso, o côllo erguido, a plumagem nivea. A's vezes batia as azas, rompendo a superficie quieta da agua.

Vejam que paisagem tão bonita e, ao mesmo tempo, tão insulsa, tão fria. Lembra um chromo. Entretanto, a reprodução photographica desse lago, que vi num prospecto de turismo, trouxe-me aqui.

— Eu e meu marido viemos por igual motivo — disse a senhora Arlette.

Sorri, mastigando uma impertinencia.

— Ah, é logico que nos impressione uma trichromia berrante, uma estampa illuminada qualquer.

Nossa pobre vida está anciosa de perspectivas. Acompanhamos sempre quem nos promette uma nova.

Um momento depois minhas amigas se despediram.

— Pretendem subir esta noite? — perguntei.

Disseram que sim e se retiraram.

II

Depois de ceiar, quando cheguei á terrasse para fumar meu cigarro, encontrei Arlette e Consuelo.

Pouco depois chegou o senhor Gaston. Sentou-se junto de sua mulher, tirou de um dos bolsos um pacote de pó Garsfield, esvasiou-o na lingua e sorveu um gole d'agua. Disse-nos que tomava esse remedio ha dez annos e que considerava os seus effeitos extraordinarios. Eu fiz, em seguida, o elogio da aspirina e estendi-me numa ampla divagação sobre pharmacologia. Que gesto de enfado se esboçou, então, no rosto da hespanhola!

Por sorte, o senhor Gaston retirou-se. Tinha combinada uma partida de bilhar ás dez horas e eram dez menos cinco.

— Chegarei á hora marcada — disse com esse ar serio dos homens pontuaes.

Quando se retirou, atrevi-me a comentar essa idiota mania da pontualidade.

— Ha homens — disse — que não têm outro merito, senão o de serem pontuaes. Crêem que isto é alguma coisa de extraordinario. Chegam num sitio a uma determinada hora e, ao chegar, declaram ter deixado as idéas em casa.

— Que lembranças tem o senhor! — exclamou Arlette — deve confessar, porém, que meu marido está fornecendo temas para os chistes.

— Não são chistes — balbuciei — meras observações, como dizem os perodistas...

A franceza não respondeu. Vi seus olhos chammejantes, tocados pela ira, o tratei de mudar de tom. Consuelo com innata sagacidade, comprehendeu meu esforço e me auxiliou com uma pergunta trivial.

A orchestra do hotel fez-se ouvir num trecho do sonho da "Manon" de Massenet.

A noite estava tranquilla, sem vento. De prompto, por entre umas nuvens pesadas, surgiu a lua em quarto crescente e começou a brilhar nas aguas do lago.

A terrasse ia-se enchendo de gente. Ouvia-se, nas mezas vizinhas, fallar francez e allemão.

Fiquei um momento silencioso, fitando Consuelo, que passelava seu olhar pela terrasse e o detinha, depois, ao longo, preso no encanto das montanhas escuras que rodeavam o lago.

Que bonita, que attrahente estava aquella noite! Sem duvida, a belleza da mulher soffre uma serie de transformações instantaneas.

Uma mulher bonita não é igual

(Continua na pagina 24)

C O N F O R T O P A T O S

*Entre as dobras macias da pezada cortina de veludo
Meu rosto que se esconde tem arrepios de volupia
O vento acaricia as folhas que balouçam na secretaria
O mapple se contorce molemente debaixo do vestido
azul de crepe radium*

*Que põe uma ncta viva de côr no room feerico
Budas bibelots espalham-se inexpressivos e gordos
Parecendo olhar alvarmente
Para as bonequinhas esgalgas de faiança de Delft
Sobe um aroma abafado de perfumes
A sensualidade parece que impregnou as coizas
Chegam sons surdos duma vitrola
She didn't say no she didn't say yes she said only
may be*

*Paul Whiteman's orchestra with vocal chorus
Na dança amulegada cançada e distante
Os braços distrahidos fizeram cair com uma nota
extra
O retrato de John Gilbert sincerely yours*

Sebastião Publio DIAS

*Pro Valdemar Cavalcanti, meu amigo
estas palavras ingenuas*

*Vocês, meus queridos patos,
nadando tranquillamente nesta lagoazinha de agua
de chuva,
nem calculam de que tristeza vieram encher o meu
coração.*

*Vocês num momento me tiraram um poder de annos
e me botaram criancinha, menino de escola,
estudando no primeiro livro de leitura de Felisberto
de Carvalho
aquella lição onde tem:
"O pato nada no lago..."*

*Ora, vocês podiam lá pensar
que me dariam, num instante, a meninice,
e com ella uma saudade muito doce, muito triste,
nadando tão calmamente nessa lagoazinha, aqui em
frente de casa?...*

Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira

Stevenson teve em sua esposa uma inimiga de sua inspiração

Se houve um escriptor a quem a vida domestica mortificou em grão extremo, foi Roberto Luiz Stevenson, o creador da *Ilha do Tesouro*. Nada lhe faltou, nem enfermidades, nem necessidades, com o accrescimento de que sua esposa, um completo exemplar de Xantipa, molestou-o e fel-o soffrer, difficultando sua produção artistica.

Todavia, numa obra de Lloyd Osbourne, enteado de Stevenson, a esposa apparece, precisamente, não como inimiga e malbaratadora do trabalho do grande novellista, porém como inspiradora e até como correctora do mesmo.

Como dado interessante diremos que Stevenson aos trinta e sete annos de idade era um homem invalido.

E agora passemos a anecdotia, que explica como o novellista escreveu duas versões de sua famosa novella *O doutor Jekyll e mister Hyde*, mas conhecida por *O homem e a besta*.

"Uma vez desci para tomar lunch — começa a narrar o enteado do novellista; — elle estava muito preoccupado e rapidamente tomou sua refeição, o que nunca succedia. Ao sahir, declarou-nos que estava trabalhando com um exito extraordinario, numa nova novella que havia imaginado, recommendando-nos que por nenhum motivo o interrompessemos, mesmo quando se incendiasse a casa.

"Por espaço de tres dias observou-se o mais absoluto silencio; todos caminhavamos de pontas de pé ao passar pelo quarto de meu padrasto, e tive oportunidade de vel-o sentado no leito, enchendo tiras e tiras de papel, sem se conceder um só momento de repouso. Ao cabo deste tempo deu fim a sua mysteriosa tarefa e, em voz alta, leu-nos, a minha mãe e a mim, o primeiro esboço do *Extranho caso do doutor Jekyll e mister Hyde*.

"Eu, enlevado, escutava-o. Stevenson, que tinha uma voz que faria a inveja dos melhores actores, lia com uma vehemencia que me fazia calafrios. Quando terminou sua leitura, olhou-nos com expectativa triumphante, e cheio de satisfação esperava que minha mãe se expandisse em exclamações de jubilo. Eu me sentia aniquillado ante o seu mutismo. Seus elogios foram breves. As palavras brotavam com difficultade. Por ultimo se desfez em criticas. Disse-lhe que havia perdido o verdadeiro sentido literario, que havia feito, simplesmente, uma novella, um magnifico trecho de sensacionalismo, quando daquillo teria podido fazer sua obra prima.

"Stevenson encolerisou-se. Sua mão tremula agitava o manuscrito; e suas palavras asperas desafiadoras, sobrepujaram as de minha mãe. O espectáculo tornou-se tão insupportavel que eu me vi obrigado a sahir do aposento. Como se assistisse uma tragedia, do quarto vizinho escutava suas vozes; a alteração era menos intelligivel, porem se adivinhava uma linguagem tão violenta que me opprimia o coração.

Como a primeira versão da novella "O Homem e a Besta" foi destruida pela esposa do grande escriptor inglez

"Quando voltei ao quarto de minha mãe, ella estava só. Pallida e triste, contemplava o fogo que ardia na chaminé.

Não nos fallámos porque, se o tivéssemos feito, eu teria reprovido sua conducta, que julgava excessivamente cruel. Pouco depois ouvimos Stevenson descer a escada e trememos ao pensar que continuaria a disputa de forma mais acalorada do que antes. Porém elle se limitou a dizer:

— "Tinhas razão; perdi o senso literario que é a base principal e a essencia de toda obra.

Logo, alegrando-se com a profunda perplexidade em que via minha mãe, arrojou o manuscrito ao fogo. E' de imaginar nosso estupor quando vimos aquellas formosas paginas converterem-se em um punhado de negras cinzas.

"Pensei que se tratasse de um impulso de justo ressentimento; porém não foi este o caso; Stevenson estava convencido do seu erro, e com aquelle acto demonstrava sua dramatica emenda.

"Quando lhe fizemos ver a torpeza commettida ao destruir o manuscrito, justificou-se dizendo-nos:

— "A obra era pessima. Se hou-

vesse tratado de salvar parte della teria sobrevivido minha ruína. O unico meio que encontrei para evital-a foi afastar de mim toda tentação.

"Seguiram-se tres dias de trabalho febril; e de novo reinou o silencio em toda a casa, fazendo-se extensivo até nas horas das refeições. Suspenderam-se os alegres serões que Stevenson tanto animava com a sua presença e, por vezes, logramos vel-o sentado no leito, escrevendo sem descanço o chão coberto de papeis.

O resultado foi a publicação da novella que, traduzida em todos os idiomas europeus e em muitos orientaes, conquistou novos horizontes na literatura universal".

Porém o que não diz o enteado de Stevenson é se aquella primeira novella que foi destruida por culpa de sua mãe era melhor do que esta outra maravilha que conhecemos. E' fartamente conhecida a vida que a esposa deu ao novellista, e muito devemos desconfiar dessa tranquillidade e do silencio que reinava no lar quando elle se dedicava ao trabalho.

A esposa de Stevenson, pelo que diz seu filho, quiz conquistar fama de puritana em materia literaria e dizia-se até correctora do que era um mestre. O mesmo caso de lord Douglas assegurando que tinha sido elle, e não Oscar Wilde o autor de *Salomé*, e o de Brousson declarando que *A vida de Joanna d'Arc* escreveu-a elle, e não Anatole France.

ARJSTIPPUS.

EM DEFESA DA RUA NOVA...

O joven delegado de policia, jornalista e estylista a toda prova, um artigo escreveu que é uma delicia, a respeito da Rua Nova.

Lindo artigo. Entretanto, a illustre autoridade, que, como tal, é um moço justiceiro, de modos elegantes e serenos, á "sala de visitas da Cidade" chama, ali, não sei bem si por maldade, nada mais nada menos do que desfiladeiro...

"Desfiladeiro urbano"... Está escripto num estylo mui ágil e cuidado, limpido e lésto.

"Desfiladeiro urbano"... Isto é bonito, porém só no sentido figurado... Como está, eu protesto,

Chamar desfiladeiro a qualquer rua, sem mais aquella, e objectivamente, é a mesma coisa que pensar que a lua é palito de dente.

Desfiladeiro, a rua Nova... Uma oval Doutor, perdôe a impertinencia minha: Quem vê desfiladeiro á rua Nova vê, de-certo, o Hymalaia na Pracinha...

CRISPIM FIALHO

UMA HISTORIA DE AMOR EM VENEZA

Cidade de amores, refugio de namorados, a historia da formosa capital das lagunas offerece mais de um drama intrincado, no qual as paixões são tão intensas como os odios e em cuja vingança pôe-se uma arte e uma furia singulares.

Nenhuma cidade no mundo foi theatro de tão apaixonados amores como Veneza. A rede labyrinthica de seus canaes, o mysterio de suas gondolas, o encantamento de seus palacios de marmore e a fabulosa belleza de suas mulheres, crearam uma atmosfera saturada de paixões, embriagante até a loucura. Livros e livros foram escriptos sobre os amores venezianos, e desde Shakespeare até o mais moderno dos autores têm-n'a feito o scenario de suas creações. O thema não foi esgotado, nem se ha de esgotar, emquanto existir um só dos canaes, uma só das gondolas, um só dos palacios, uma só de suas noites de luar, em que, por obra de extranho sortilegio, vão surgindo as sombras de todos os amantes legendarios ou historicos que lhe deram fama, e que aos escriptores de todas as raças e linguas deram motivos para reviver e evocar amores, odios e paixões.

Entre as legendas amorosas mais antigas está a de Lavinia Maturanzio, que data do anno de 1470.

Formosa, loura, aos dezesseis annos foi dada como esposa — como terceira esposa — ao já maduro conde Carlos Montefeltro de Sassoferato.

Envolta sua cabelleira de ouro numa rede de perolas, a branca e pura fronte coberta pelo véo, vestido seu corpo, quasi infantil, com trajes de brocado de prata, tremula e submissa, pelo braço de seu esposo já encanecido, desceu ella ao altar. Palpitava, todavia, em seu coração virginal outro amor mais digno de sua formosura, mais apropriado a sua tenra idade: o de Astorre Braccio, o noivo, o namorado da sua adolescencia.

Transcorreram uns mezes, e com a cumplicidade de sua dama de companhia que, por sua vez, soube conquistar a boa vontade de um pagem, Lavinia logrou encontrar-se secretamente com o seu amado. Em Veneza as oportunidades eram poucas. Astorre, por uma porta secreta, foi conduzido aos aposentos da condessa. Os dois namorados julgando-se seguros, longe dos olhares e da vigilancia do velho e achacado esposo. O conde occupava outro appartamento do palacio e muito poucas vezes vinha até onde habitava a joven.

A dama e o pagem faziam boa guarda. E assim transcorreram os sempre breves serões amorosos, até

que amanhecia e a luz punha um parenthesis naquelle colloquio.

Consideravam-se seguros e livres de qualquer visita inesperada do esposo. No aposento de Lavinia havia um grande cofre cuja chave somente ella guardava. Em caso de necessidade uma pessoa podia occultar-se nelle, commodamente.

O conde Carlos não dedicava á sua formosa esposa um apaixonado amor porém, com os annos, o orgulho e o sentimento da honra pareciam haver-se accentuado nelle. Um espião, um creado zeloso das prerogativas de que desfructava a dama, descobriu o segredo e, para

A AUSENCIA

Francis Jammes.

(Traducção de Carlos Paurilio)

Aos dezoito annos, Pedro deixou a casa campestre onde nascera.

No momento preciso em que se foi embora, sua velha mãe enferma estava no leito do quarto azul, no qual havia o daguerreotypo de seu pae, pennas de pavão num jarro, e um pendulo representando Paulo e Virginia, e que indicava três horas.

No pateo, debaixo da figueira, seu avô repousava.

No jardim, estava sua noiva, rosas e pereiras luzentes.

* *

Pedro foi ganhar sua vida num paiz onde havia negros, papagaios, caoutchoucs, melanthos, febres e serpentes.

Ahi demorou trinta annos.

* *

No momento preciso em que voltou para a casa campestre onde nascera, o quarto azul tornara-se branco, sua mãe repousava no seio de Deus, o retrato de seu pae não estava mais ahi, e as pennas de pavão e o jarro tinham desaparecido. Um objecto qualquer substituiu o pendulo.

No pateo, debaixo da figueira onde seu defuncto avô repousou, havia tigellas quebradas e uma pobre gallinha doente.

No jardim de rosas e pereiras luzentes onde ficou sua noiva, estava uma velha dama.

A historia não diz quem era ella.

não desdizer sua condição, revelou-o ao conde. Este, incrédulo, penetrou de imprevisito no quarto de sua esposa; porém, ainda que a encontrasse de pé, constatou que ella lia tranquillamente.

Outra noite, a instancias do teimoso espião, o conde permaneceu de vigia e viu, com effeito, uma sombra que se dirigia aos aposentos de sua esposa. Rapidamente, fóra de si correu o marido; porém só encontrou Lavinia, estendida no leito, profundamente adormecida na apparencia, ainda que toda vestida. No quarto, ninguem mais descobriu.

O conde guardou seu punhal e aproximando-se de Lavinia para dar-lhe um beijo, notou que ella estava intensamente pallida. Um olhar em torno, revelou-lhe a presença do cofre, e tudo ficou explicado...

Porém a vingança além de ser um prazer de deuses, sóe ter suas vantagens praticas. Uma vingança requintada e bem preparada evita complicações, e afasta a possibilidade de um escandalo.

Sem perder sua apparente tranquillidade, o conde convidou a esposa para visitar certos parentes que tinham em Urbino. Era no anno de 1476. A visita durou quinze dias, durante os quaes os sicarios do conde prepararam o instrumento de sua vingança.

De regresso á Veneza, Lavinia, plenamente convencida da ignorancia do marido, a respeito de suas entrevistas com Braccio, convidou-o para aquella mesma noite. Porém, no meio da effusão do encontro, depois de tantos dias de separação, surpreendeu-a o signal de alarme dado pela fiel dama.

Quando o conde penetrou no aposento, o amante já tinha desaparecido e a joven estava no seu leito. O esposo andou de um lado para outro, falando sobre coisas indifferentes. Em uma de suas idas e vindas, deteve-se em frente ao cofre e disse:

— Que extranha caixa, senhora! Parece um ataude!

Lavinia, pallida, começou a tremer.

O conde aproximou-se mais ainda, e nisto, ouviu-se um gemido.

Lavinia saltou do leito.

— Que é isto?

O conde olhou-a, friamente.

— Não sei... Parece o suspiro de um moribundo.

Fóra de si, a joven começou a chorar.

— Não choreis, senhora — disse-lhe elle — Neste caso, mais vale rezar.

E retirou-se.

Quando Lavinia abriu o cofre viu o corpo do seu amante banhado em sangue e atravessado por certos punhaes, collocados de antemão no fundo do cofre. Perdeu os sentidos e a falla. Como louca viveu só dois annos mais.

A U T O N E C R O L O G I A

CONCLUSÃO

da propria individualidade, Morris collocou-se longe do seu ser, destruindo aquella lei de Lucrecio, segundo a qual o homem gyra constantemente no circulo que o encerra. Este salto fóra do proprio carcere é talvez a maior de todas as virtudes e, portanto, a condição indispensavel para o conhecimento pessoal. Nesta attitude escreveu Morris sua autonecrológia, gravando logo o disco para que o phonographo repetisse o discurso no momento do enterro. A peça oratoria, pensada, longa e anticipadamente, continha de tudo, elogios e censuras, numa acabada depuração critica. Porém em sua vida havia actos cujo caracter não acertava a defluid, parecendo-lhe extranhos e alheios ao rythmo geral do seu espirito. Nós homens, sem excluir Morris, apesar de ter sido tão original, offerecemos, em todo o conjunto da vida, uma certa unidade moral que nos caracteriza, nos dá personalidade, boa ou má, debil ou forte, respeitavel ou irrisoria. Porém commettemos açções que não estão de accordo com o resto da nossa conducta e da idiosincrasia do nosso caracter e especial temperamento. Anatole France offerece sobre este phenomeno uma

explicação que nos parece um pouco simplista e insufficiente. Diz que são actos que concebemos dormindo, e dahi não guardarem relação com o resto de nossas açções concebidas em estado de vigilia, quando estamos despertos.

Morris explicou esses actos como raridades que rompiam a monotona unidade do caracter. E, carecendo elle de grãvidade, julgou-os como piruetas venias do espirito e do entendimento. No mais, o balanço que fez de si mesmo foi bastante favoravel, affirmando que sua fé na outra vida e seu comportamento nesta com o resto dos ingrezes, permitia-lhe assegurar que alcançaria o reino dos céos. Foram as ultimas palavras da autonecrológia.

Terminando o disco, quando só um montezinho de cinzas restava do que havia sido Mr. Morris, os que formavam o triste acompanhamento se retiraram para suas casas. Muitos discutiram pelo caminho acerca da exactidão do retrato moral traçado nas vésperas de sua morte. A uns parecia muito melhorado — aos que pensavam, como La Bruyère, que as necrológias nunca dizem o que os mortos foram, porém, o que deviam ter sido. Outros

affirmavam que Morris não teve o proposito de melhorar sua physionomia moral; porém, ao seu ver, existia dissimelhança; seus traços não coincidiam com o conceito que elles tinham da personalidade do fallecido amigo. Os julgos de uns e de outros não podiam ser mais oppostos. Cada qual tinha um Morris diferente na imaginação. E se todos tivessem falado na cerimonia funebre, pôde-se assegurar que o accumulo de linhas dispare tornaria impossivel reconhecer os traços moraes da figura do morto, quando andava entre os vivos. Eis o que acontece nos enterros onde a oratoria funebre é muito copiosa e profusa. A abundancia de retoques e de côres, confunde os traços. Dahi a previsão de Mr. Morris. Não quiz que ninguém mettesse a mão no ultimo esboço da sua personalidade.

Entre os affirmantes que Morris se havia favorecido muito na sua autonecrológia, contava-se um arguto advogado que poz termo á discussão com um aforismo do direito romano:

Advocatorum error litigantibus non nocet. ("O erro do advogado não prejudica o seu cliente")...

UM CAPITULO FRIVOLO

CONCLUSÃO

mente bella nas differentes horas. Tem momentos, relampagos que a afeiam ou a favorecem. Naquelle noite a esplendida hespanhola estava na plenitude da sua attracção.

Rapidamente pensei que devia partir de Bregenz no dia seguinte. O trem, a oitenta kilometros levar-me-ia muito longe; não voltaria, jamais, a minha vida na terrassa desse hotel, á margem desse lago... Pensei tambem (quem pôe redeas á sua phantasia?) numa passagem de "Le Rouge et le noir"... Julian Sorel em casa da senhora Renal, debaixo da tillia deante da senhora Derville...

Olhei meu relógio. Eram doze horas. — A's doze e dez minutos — pensei — convidarei Consuelo para passear á margem do lago, debaixo das arvores... A's doze e meia conhecerei o sabor dos seus labios. Sustentel energicamente minha decisão.

A's doze e dez, como bom "stendhaliano", formulei meu pedido.

— Então — exclamou Arlette — eu sou de sóbra...

Balbuciei uma desculpa futil, forçada.

— Senhora...

Arlette poz-se de pé, saudou com um leve movimento de cabeça e retirou-se.

— Enfadou-se — exclamou Consuelo —; a culpa é sua.

— Não importa.

Ella fez um leve tregeito cheio de graça, tomel o seu braço e descemos as escadas...

Foi esplendido, silencioso, cheio de ternura aquelle passeio junto do lago

de aguas dormentes, por uma alameda flanqueada de arvores em flôr...

As estrelas eram pontos de prata, tremulos e brilhantes, fantasticamente reflectidos; entre as sombras viam-se por intervallos, as scintillações de ouro dos pyrilampos.

Ella falou, falou de seus sonhos, de suas viagens pelo mundo, dessa acridocce melancholla que deixam as viagens; falou tambem de seus amores...

— Sempre — affirmou com certo laivo de tristeza — terminaram mal... na indifferença, em nada.

— E' inevitavel; as paixões grandes e as paixões pequenas, terminam assim Consuelo.

— Então... cinzas fumo...

— E o que mais?... Eternizar o amor é uma verdadeira vulgaridade. Deixemos que elle venha a nós uma vez ou mil vezes e saibamos recebe-lo

Antes de reunir-se o Jury que escolheu "Miss Pernambuco", o jornalista Mario Melo entregou-se, por alguns instantes, ao sport da chiromancia.

F. Rebello fixou esses instantes em photographias interessantissimas que "Pra Você" publicou em seu numero passado.

Esquecendo-se, no entanto, de explicar que as photographias pertenciam a F. Rebello, "Pra Você" falou, agora, certa de que ainda não é muito tarde.

No meio desta vida cheia de limites, de miserias, de absurdos, de petulancias, amar é alguma coisa quasi religiosa...

Sentamo-nos num banco rustico, de costas para a gruta.

As mãos de minha amiga, umas mãos pequenas nervosas, tremiam entre minhas mãos.

— Este mesmo — accrescentou — durará apenas um instante... não é verdade?

— Durará "agora" — respondi com firmeza — e accaso não basta?

Ella cerrou os olhos e ficou assim, recolhida em si mesma, um pouco tremula...

(Vivi com secreto deleite o capitulo da minha novella e o vivi até o final...)

No dia seguinte parti de Bregenz, a oitenta kilometros por hora como o presumia.

Levava vivida, cálida a recordação da minha amiga e ella levará a minha, talvez por mais tempo, tambem cálida e viva...

O Amor acompanha.

Sentia-a ao meu lado zeloso, terno. A's vezes, enquanto o trem corria entre rochas cinzentas e brancas e mattagaes negros, assomava a cabeça pela janella.

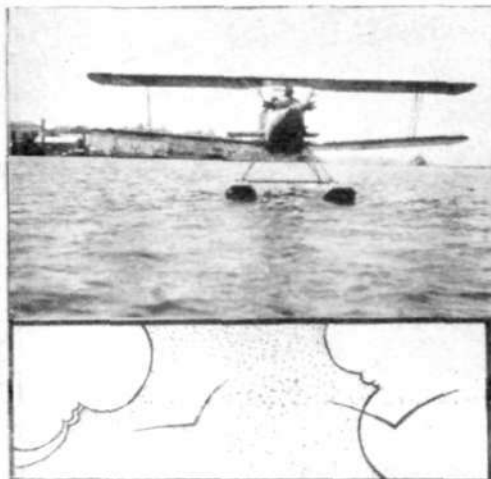
A lua fazia de vez em quando sua apparição no céu e, então, toda a paisagem tomava um certo ar mysterioso, espectral...

(Assim, mysteriosa e espectral é a nossa vida debil, que se nutre de phantasias, de sonhos e de illusões...)

aviacão



Mlle. Edinar Altino, Miss Capunga, fez um passeio ne aeroplano. E tirou estas photographias que o seu sorriso tornou bonitas.



Os srs. Renato Pedroso e Paulo Vianna, presentemente em Recife, onde pretendem fundar um Aero Club.

A CASA DE MAPONHI

(Conclusão)

— Dá-lhe de beber. Ngakoura... gritou Téfara.

O pae e mãe fizeram erguer Ngakoura a força de ponta-pés, e ella, tremula como uma folha, estendeu ao fantasma um cantaro cheio dagua.

E, tranquillamente, o fantasma se poz a beber. Depois pousou a mão no braço de Maponhi.

A mão não era irreal. Tinha o peso de uma mão viva.

Maponhi emergiu dos cobertores e, quando Naouri brandiu a famosa perola, elle não duvidou mais de ter sua mãe deante de si.

— Olha Téfara, disse elle, olha a perola!... Ella tem a perola!

Téfara, como seu marido, subitamente convenceu-se.

Naouri que estava no ultimo grão de fadiga, foi convidada a se sentar e se poz incontinenti, a contar sua odysseas.

— Nós possuiremos a casa... disse ella á maneira de conclusão.

— E, além disso, dez mil dollars do Chile, approvou Maponhi. E' o que está combinado com Raoul.

— A casa terá, perguntou Naouri, um tecto de zinco ondulado e seis toezas de comprido?

-- E' bem isto.

— Haverá, na grande sala central, um relógio pendurado na parede e uma mesa redonda?

— Sim, sim... affirmou Téfara

— Então, está tudo muito bem. Maponhi, eu tenho fome e quero comer.

"Mas, ouve-me, não des a perola a Raoul enquanto não tiveres a casa construida e os dez mil dollars sobre a mesa. Desconfiar, em negocio, é sempre prudente".

JACK LONDON

c i n e m a

INNOCENTES DE PARIS

PERSONAGENS:

Maurice — MAURICE CHEVALIER.
Louise — SYLVIA BEECHER.
Emile Leval — RUSSEL SIMPSON.

Os pais de Maurice:
M. Marny — GEORGE FAWCETT.
Mme. Marny — Mrs. G. FAWCETT.
M. Rénard — JOHN MILJAN.
Mme. Rénard — MARGARET LIVINGSTON.
Jo-jó — DAVID DURAND.
Julio — JACK LUDEN.
Homem-Orchestra — JOHNNIE MORRIS.

UM FILM PARAMOUNT
Direção de Richard Wallace
SYNOPSIS:

MAURICE, um comprador de ferro-velho, empurra o seu carrinho pelas margens do Sena, quando ouve, vindos do rio, repetidos gritos de Socorro! Socorro! O rapaz volve o olhar e vislumbra, a brucejar na corrente, alguém que se afoga. De um salto atira-se à água e em pouco, nadando para o céu, surge com um garotinho nos braços. Um transeunte, que o ajuda a reviver a criança, entrega-lhe uma carta deli-

xada ali por uma mulher, a mesma que se atirara ao rio com o menino.

Maurice compreende logo tratar-se de uma dessas tragédias em que Paris é tão fértil, e lendo o endereço da carta, resolve ir entregá-la ao seu destinatário. Chegando à casa de Monsieur Emile Leval, bate à porta. Sae-lhe o homem: um velhote seccarrão, que lê sem estremecimento aquella ultima nota que das sombras do suicidio lhe manda a filha. Louise, a irmã solteira, acerca-se do pae, e ao ver do que se trata, exclama com a voz entrecortada de soluços: — Marie! Minha pobre irmã!... E depois, descendo à rua, vae ter com o garoto, todo molhado, que ainda está n' carrola do vendedor de velharias. Ma o pae, cada vez mais austero, manda-a entrar, e a Maurice, que lhe pergunta si não quer ficar com o pequeno, responde:

— Entregue-o à policia! Eu nunca o considere! como neto!

Em vista desta recusa, o trapézista leva para casa o garoto que se chama Jo-jó, e os seus velhos pais o recebem com surpresa e alegria.

Maurice, que desde a vespera, não pudera esquecer o semblante de Louise, resolve voltar à casa de M. Leval afim de restituir à moça um agasalho com

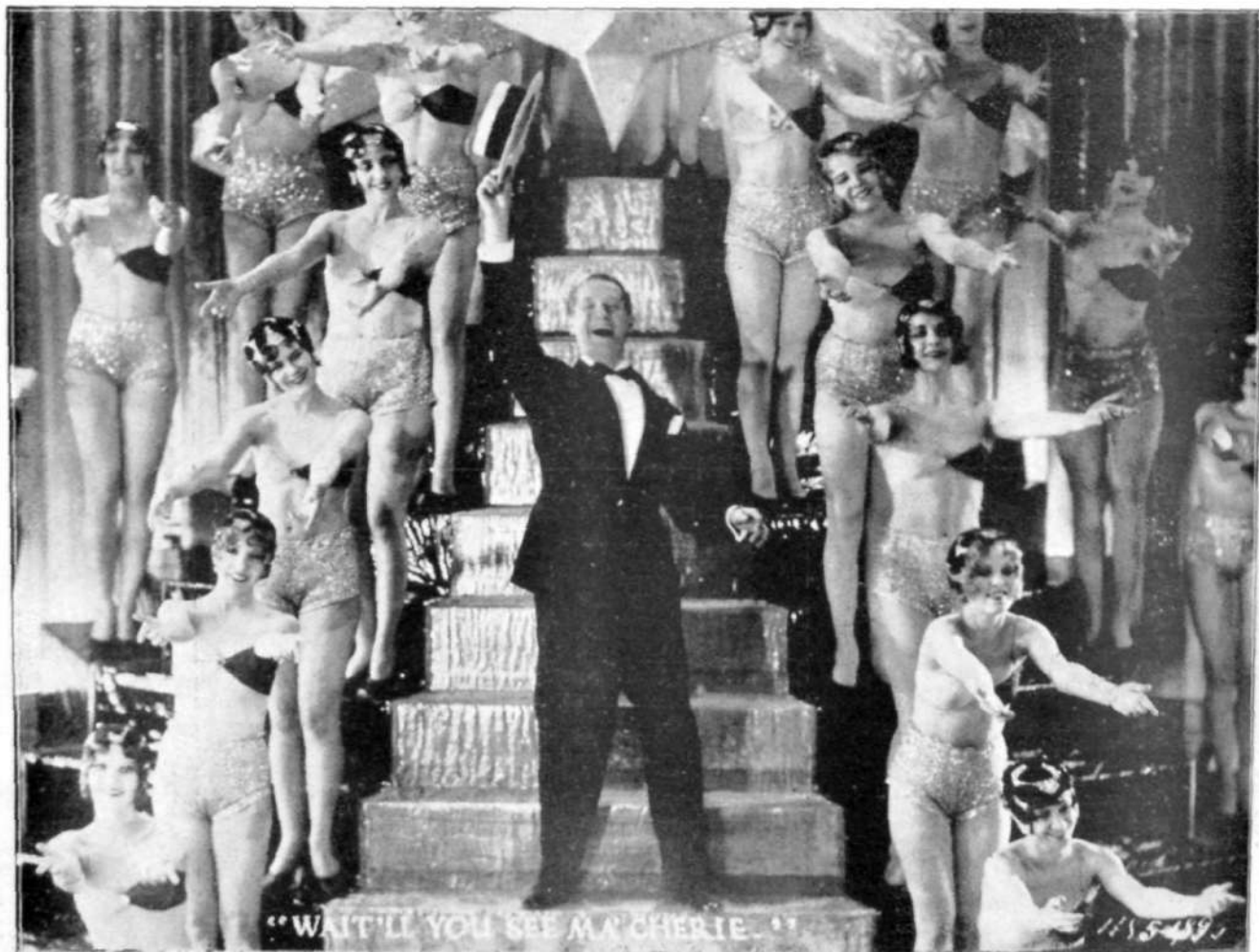
que ella embrulhara Jo-jó, para proteger do frio. Lá, felto o signal convençionado, em pouco apparece á janella a carinha risonha de Louise. Desce ao jardim, e conversam muito tempo, e na palestra, muito galanteador diz-lhe Maurice uma porção de cousas bonitas, que a moça vae ouvindo com um sorriso nos labios.

Decorre algum tempo. Maurice, todos os dias, ao sahir para o seu negocio, passa invariavelmente pelo portão da chacara de M. Leval. E da sua janella florida, como uma santa a sorrir no seu nicho, lá está Louise a atirar-lhe beijos nas pontinhas dos dedos. Cresce o amor e com elle a confiança. Maurice já não se satisfaz em possuir o coração da sua eleita.

Um dia, sahindo de casa ás escondidas, vão ter ao café cantante. Maurice é chamado á cantar. Resiste as sollicitações. Toda a assistencia redobra o pedido. Maurice sae á scena: canta uma cançoneta delicada, que começa:

On se rappell' toujours sa premier amie,
J'ai gardé d'la mienne un souvenir pour la vie...

(Continua na pagina 30)



c i n e m a

O Pequeno Comediante Inglez Torna-se o Celebre Carlito

Mas os dias de descuidosa liberdade iriam breve terminar para um dos dois camaradas.

A troupe dos jovens comediantes inglezes representava sua eterna pantomima, numa pequena cidade da Pennsylvania, quando Charlie Chaplin recebeu uma mensagem de Mack Sennett, o realizador dessas encantadoras comédias cheias de imprevistos, de "bating beauties", e de uma certa loucura poetica que é o melhor do seu encanto. Mack Sennet pedia a Charlie Chaplin para vir se reunir a sua troupe, pelo salario de cento e vinte e cinco dollars por semana.

Charlie Chaplin só ganhava, então, cincoenta dollars. Essa offerta inesperada causou-lhe uma tal alegria que elle não hesitou um instante. Seus camaradas e, principalmente, seu inseparavel Stan Laurel, sem omitir o chefe da troupe cujos protestos não eram absolutamente desinteressados, objectaram-lhe que o cinema não era arte, que era apenas uma distracção popular para as pessoas grosseiras, emfim tentaram por todos os meios retel-o na troupe Karno.

Charlie não quiz ouvir nada. De noite, quando voltou para o quarto que partilhava com Stan Laurel, deu-se um ultimo debate entre os dois amigos.

Todos os esforços de Stan Laurel foram vão. Charlie Chaplin, aos melhores argumentos, contentava-se em responder:

— Cento e vinte cinco dollars por semana meu velho, sem mais almoço em cima da cama, sem mais complicações com os porteiros, cento e vinte cinco dollars, qual o que!

Stan Laurel confessou-se vencido, e no dia seguinte Charlie despediu-se de todos os companheiros. A inveja, tão commum no mundo dos comediantes, não se fez sentir. Todos aquelles que trabalhavam com Charlie estavam desolados por perderem um camarada que, apesar de "luratico", hoje alegre, amanhã taciturno, sarcastico, era pela sua phantasia, suas piadas, seu espirito poetico e sua surpreendente comprehensão do coração humano, a verdadeira pedra angular da troupe Karno.

Emquanto elle viajava para New York, perguntava a si mesmo a que felizes conjecturas devia aquella mudança radical. Só obteve explicação quando chegou ao Studio de Mack Sennet. Este, jovial, "bon enfant" como as suas comédias, contou-lhe toda a historia. Havia na sua troupe um actor, o mais celebre actor do écran nesta epocha, chamado Ford Sterling, que por suas exigencias continuas terminára por aborrecel-o. Elle quiz se desembaraçar do indesejavel vedette, mas ainda não tinha encontrado ninguem na "feira dos comediantes" que fosse capaz de o substituir. Um dia, num theatro de Los Angeles, ficou vivamente impressionado pelo talento de um joven inglez, sobretudo pelas qualidades de sua mimica porém neste momento, elle não podia despedir Sterling. Quando conseguiu isto, Mack Sennet lembrou-se do joven comediante e mandou-o procurar por toda a parte. A tarefa não era facil. Elle não se lembrava certo do nome; parecia-lhe, vagamente que era alguma coisa como Chadman ou Chamberlin, dizia elle, e o joven inglez permaneceu impossivel de se achar durante muitas semanas. Um bello dia, um agente de Marck Sennet descobriu-o, emfim, nos confins da Pennsylvania. E foi assim que Charlie Chaplin entrou na corporação, nesse tempo desprezada, dos artistas de cinema.

Seus incios não foram muito faceis. Os comediantes da troupe Mack Sennet rodeavam-n'o de hostilidade. Suas primeiras tentativas no studio fechado não conseguiram arrancar nem um sorriso. Mack Sennet continuava a proteger Charlie. Elle proprio reconheceu depois que não lhe havia feito justiça e pensou mesmo, por um instante

ter feito um máo negocio; mas havia, entretanto, um "não sei que" que lhe inspirava confiança.

Todos os antigos amigos de Ford Sterling, que era popular no studio, proclamavam por toda parte que "o insignificant comico inglez inventado pelo patrão" não chegava aos pés do "velho Ford".

Os amigos de Mack Sennet vinham dizer-lhe, com rostos sérios, que elle devia pensar muito antes de lançal-o ao mercado, onde a concorrência se fazia já seriamente sentir; aquellas comédias, diziam elles, eram lugubras como um muro de prisão ou um sermão sobre a temperança.

Mack Sennet perseguia Chaplin para que elle "descobrisse, emfim alguma coisa". Charlie quebrava a cabeça, experimentava disfarces sobre disfarces, ia perambular pelas ruas a procura de typos bizzaros, perdia até as horas de comer e de beber. Um dia elle julgou emfim ter encontrado o que procurava ha semanas. Era um chapéu-sinho de coco, um paletó certado para um homem que devia ter vinte centímetros mais do que elle, uma calça duas vezes maior do que a normal, sapatos tres vezes mais compridos, um collarinho de celluloid, uma gravata preta e um pequeno laço "papillon" com elastico visivel. Descobriu tudo isso por um acaso. O chapéu e a bengala lembrava-lhe os dias de outr'ora em Lambeth e Hennington. Parecia-lhe que este costume era o ser que elle lhe permitia crear, para si só, deante do seu espelho, eram a caricatura

(Termina na pagina 31)





Maurice Chevalier



BENGALE.—Cloche de palha com fundo de feltro

WEEK-END.—Toque de plumas e feltro

CREAÇÕES JANE BLANCHOT

Reminiscencias do passado

1930 tinha o dever de se oferecer em homenagem á memoria do seu antepassado de um seculo atraz. Assim, as novas creações que temos podido contemplar, são ornadas de detalhes que têm um encanto desusado, muito gentilmente 1830.

Esta ideia que se sente palpitar na essencia das inspirações modernas é tocante. Os coloridos e os tecidos conjugaram sua fantasia para inspirar a ressurreição de amaveis fantasmas, de coquetteries antigas e docemente preciosas. É muito 1830 de aspecto este manteau que criou Martial et Armand

para o "ensemble" - "confidencias" - que estampamos aqui.

Em crêpe Marocain castanho, dissimula, como uma chrysalida, o fresco vestido de crêpe Georgette rosa que surge como uma sorridente surpresa quando



CONFIDENCIA—Vestido ensemble, de tarde, em crepe Marocain ornado de rocórtes incrustados.

CONFIDENCIA—Manteau de Marocain formando conjunto com o vestido.

CREAÇÕES MARTIAL ET ARMAND

se abre o manteau.

Os pacientes recortes que se incrustam na saia e nas mangas, fazem lembrar os ornatos complicados de que eram apaixonadas as bellas damas de antão.

HOTEL CENTRAL

Av. Manoel Borba - Recife

End. Telegraphico: HOTCEN

Edificio de 8 andares, com luxuosos apartamentos, magnificos quartos, serviço telephonico em todos os aposentos.

Bar, Barbearia e Grande Restaurant

INNOCENTES DE PARIS

(Continuação)

Depois, outra e mais outra. A sala se convulsiona com os applausos. Um empresario parisiense, M. Rénard, que all se acha, instigado pela esposa, convida Maurice para fazer uma prova ao Casino de Montmartre, de sua propriedade. Maurice comparece á prova. A sua exhibição cobre-se de verdadeiro exito.

M. Rénard, conhecedor do seu mé-tier, lança a propaganda do "Príncipe Misterioso" por todos os jornaes. E' uma revelação no genero ligeiro! A sua mais feliz "descoberta", diz o empresario, quando á Madame é que se devia o achado...

Certo dia, estando Maurice a falar com Louise, vem surprehendel-os o pae. Irritado, pergunta-lhe M. Leval: — Que vem fazer aqui outra vez, "seu" atrevido? O rapaz não se perturba. Pedelhe a mão da filha em casamento. Mais irritado ainda, aponta-lhe o pae de Louise o caminho da rua...

Mais tarde, encontrando-se a sós com a filha, propõe-lhe M. Leval um casamento com Julio, um bom rapaz, mestre da sua fabrica de armas. Louise, em pranto, diz-lhe que não. Só se casará com Maurice e com mais ninguém. O pae esbraveja:

— Queres casar-te com aquillo — um trapeiro? Isto é que não! E pegando de um revólver sáo para dar cabo do rapaz, que sabe achar-se no theatro Casino. Louise mais que depressa corre á casa de Maurice. Pedelhe que não vá ao theatro. Maurice explica-lhe que é a noite de sua estréia. Sem nada lhe explicar do seu motivo, grita Louise pela policia: entram os guardas. Fingindo susto, aponta a moça a Maurice como o seu atacante. Na estação poli-

A "Paramount" dará inicio ao espectáculo: com o HYMNO NACIONAL, executado pela eximia pianista brasileira Dyla Josteti, apresentada pelo sr. David Moretzshon, consul do Brasil em Nova York, diz das actividades artisticas da grande pianista na metropole americana, explicando tambem a importancia dessa trasladação á terra patria da musica e da sua executora, maravilhoso acontecimento que só o cinema-sono-falante poderia realizar.

NOTA — O sr. Consul falará em portuguez.

O celebre tenor TITO SCHIPA cantará duas lindissimas canções do seu vasto repertorio.

LOUISE

Every little breeze seems whisper

Louise

The birds in the trees seem to twitter

Louise

Each little rose tells me it knows I love you, love you.

Every little beat that I feel in my heart

Seems to repeat what I felt at the stall

Each little sigh tells me That I adore you, Louise!

Just to see and hear you Brings joy I never knew

But to be so near you Thrills me through and through

Anyone can see why I wanted your kiss

It had to be, but the wonder is this:

Can it be true Some one like you Would love me, Louise.

cial, trata o rapaz de convencer ao prefeito da sem razão de tudo aquillo.

Um guarda offerce-se para acompanhar o Maurice ao theatro, afim de verificar si é verdade o que diz elle.

Emquanto isto, no camarim de Maurice, de revólver no bolso, espera M. Leval pelo joven actor. Em certo momento, porém, entra Jo-jó, já instruído por Louise para abrandar o genio do velho. E alerta, o garoto começa a accusar o avô de incriminar o rapaz, tão bom para elle, um verdadeiro pae, só porque Maurice ama a Louise e elle não quer que os dois se casem. Dentro em pouco começa o velho a ver que o pequeno tem razão. Chama-o a si. e quando Louise, assombrada pela volta de Maurice, entra no quarto para evitar a tragedia que julgava a ponto de explodir, surprehende-se té as lagrimas de ver os tres: Maurice, o pae e Jo-jó que conversam como bons camaradas.

Naquella noite tem logar a grande estréia de Maurice. Um successo sem precedentes. Terminado o seu acto, continúa o povo a bisal-o. Maurice volta ainda á scena, trazendo Louise pelo braço:

— Agora, quero apresentar-vos a minha Musa — é ella quem me dá inspiração e amor!... Ambos cumprimentam o grande publico. Uma ovação tremenda enche toda a casa, e o panno cêa, lentamente, separando-os do publico...

Fim.

MAURICE CHEVALIER, O IDOLO DE PARIS — NUM FILM "MOVIETONE" DA PARAMOUNT

Feito embora nos Estados Unidos, em Hollywood, "Innocentes de Paris", a grande produção falada, cantada, dançada e musicada que a Paramount vae apresentar segunda-feira, 12, no Theatro Parque, é um film essencialmente

(Continua na pagina 31)

INNOCENTES DE PARIS

(Conclusão)

frances no ambiente como francez é nos artistas, à frente dos quaes está Maurice Chevalier, o idolo da França inteira, um astro ante o qual as platéas gaulezas mais de uma vez deliraram enthusiasmas.

Depois, como "Innocentes de Paris" apresenta em grande parte do seu enredo, a vida de um theatro parisiense, foi creada em Hollywood, para effeito do film, a atmosphera theatral fran-

ceza, aquella atmosphera leve e deslumbrante, accentuadamente original e que cidade alguma do mundo, a despeito de tudo, jamais chegou a ter. O film é uma revista de féerie e, assim, sendo, offerece-nos espectaculos deslumbrantes, faustosos, extraordinarios.

Os typos, nada deixam a desejar. Ha Maurice francez authentic, parisiense nato; ha Silvia Beecher, uma pequena de Detroit em cujas veias corre o sangue dos primeiros colonisadores e cujos ancestrais, francezes de verdade, francezes de sangue e de coração, que

falam fortemente das características da grande raça.

Por isso tudo, por esse conjuncto de figuras e de coisas, por esse preparo de ambiente, pela dedicação com que a Paramount fez preparar o film "Innocentes de Paris", resultou um trabalho primoroso, um trabalho magistral, cujas estréas em Paris, Nova York, Rio e São Paulo foi um delirio e cuja apresentação no Recife, não se pôde duvidar, constituirá um raro exito para a Paramount.

NÃO SE ILLUDAM!... O CAFÉ SÃO PAULO

é um producto que se recommenda
pela excellencia da sua qualidade.

EXIJAM DE PREFERENCIA ESTA MARCA

À venda em todas as mercearias e no Deposito á rua do Rangel n. 140

TODA ARTISTA POSSUE UM TANTO DE SUPERSTIÇÃO

Sue Carol confessa que uma especie de Intuição influíu na aquisição de acções da Bolsa

Desde o pequeno mensageiro dos "studios" aos artistas de nome, como Sue Carol, todos que têm qualquer ligação com a vida artistica, confessam abertamente a superstição.

Em conclusão, o actor ou actriz que não tem a sua "superstição favorita", afasta-os da maioria dos que constituem a colonia de Hollywood.

Provavelmente Sue Carol tem a mais singular.

Jamais subirá as escadas de uma casa estranha ou não, sem contar cuidadosamente os degraus.

Si o numero delles é impar — deve ter o maior cuidado — porém, se é par, o dia será afortunado.

A senhorita Carol acredita nisto plamente, como sendo um presagio.

Recentemente, havia decidido comprar algumas acções e na manhã do dia em que teria logar a transacção,

teve que subir as escadas de um edificio de Los Angeles, porque o elevador não funcionava.

Miss Carol contou-os com todo o cuidado: eram 29.



Immediatamente resolveu não applicar dinheiro algum nas mencionadas acções e regressou á casa.

Na mesma tarde, recorrendo á pagina financeira de um periodico, descobriu que os titulos que pensara em comprar, haviam baixado quatorze pontos.

Poucos dias depois, Sue Carol foi visitar uma amiga que se encontrava doente e, ao subir as escadas, como de costume, contou cuidadosamente os degraus: eram 20.

Apressando a sua visita o mais possível, dirigiu-se pressurosa a Los Angeles e comprou cem acções.

Naquelle mesmo dia os titulos subiam seis pontos e continuaram subindo sempre.

Miss Carol pagou \$9.000, porém tres mezes depois possuía \$12.000.

Sue Carol não é jogadora.

Possuindo algum dinheiro, quiz applical-o intelligentemente. Com uma vivacidade communicativa, com um sorriso que ninguém esquece, com uma personalidade galante que a faz muito querida, terá a sua popularidade culminada, deixando um rastro de saudade, por occasião da proxima exhibição de FOLLIES DE 1929, quando a sua voz cariciante e encantadora fizer ouvir "That's You, Baby?" e o fulminante "Breakaway", da soberba revista da Fox-Movietone.

Sue Carol ficará para sempre na recordação de todos quantos assistirem a sua "première", por occasião da reabertura do THEATRO MODERNO, como a linda artista que muito queremos e muito amamos...

"PRESTAM CONTAS 24 HORAS DEPOIS
DE EFFECTUADO O LEILÃO"

Eusebio Simões & Djalma Simões

— LEILOEIRO —

ESCRITORIO E ARMAZENS:

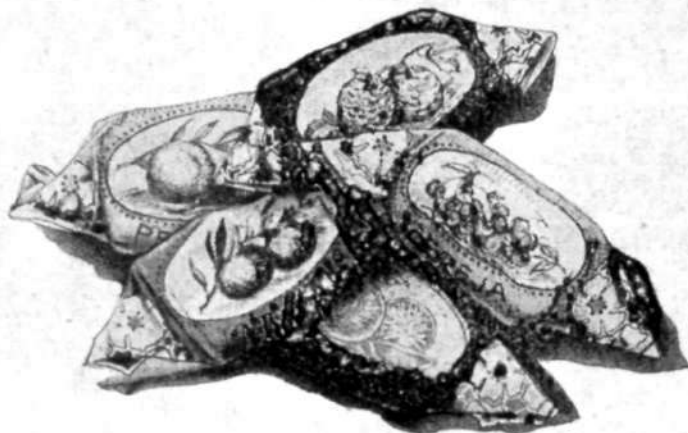
Praça Barão de Lucena ns. 6 e 10

Phone = 6568

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica **Beija-Flor**



O PEQUENO COMEDIANTE INGLEZ TORNA-SE O CELEBRE CARLITO

(Conclusão)

do homem elegante que, em tempos, elle havia sonhado se tornar.

No dia seguinte, quando elle appareceu no studio, fazendo piruetas com a bengala e andando em passos meú'os, um electricista que trabalhava montado sobre um supporte, deeteve-se e deixou cahir uma lampada electrica que se quebrou com o estronço de um tiro.

Immediatamente, como se isso fosse um signal, todo o mundo, do grande patrão Mack Sennet ao ultimo aprendiz, disparou numa só gargalhada.

Mack Sennet e os comediantes que mais hostilizavam Charlie precipitaram-se para felicitá-lo. "O insignificante comico inglez" tinha iniciado sua carreira triumphal.

Desde que a lampada cahida das mãos do electricista quebrou-se sobre o sólo, o riso que estimulou Carlito nunca mais se extinguiu. O sol nunca se poz no imperio de Carlos quinto, o riso que Charlot arranca aos mais sizados manifesta-se, a todo instante, nas cem cidades dos dois mundos.

Não ha uma hora entre meia noite e meia noite, não ha um instante em que elle não echoe em algum lugar.

Agora mesmo, no momento em que são lidas estas ultimas linhas, ha milhares de pessoas a quem as farças do joven inglez consolam ou vingam da vida.

MONTGOMMERY.

O CAFÉ SÃO PAULO

entregou ao consumo publico durante o

anno proximo findo

Duzentos e noventa e sete mil kilos (297.000)

de artigo de primeira qualidade com a unica marca de sua propriedade,

batendo o "record" dos cafés moidos do Recife.

EXTRA
LEVE

Brunetto

SÃO PAULO





A
MAIOR
CONCEPÇÃO
MODERNA
PARA O LAR

REFRIGERADORES

DA

GENERAL ELECTRIC

INFORMAÇÕES

NO

SALÃO DE DEMONSTRAÇÕES

DA

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Rua 1.º de Março, 106 - Telephone n. 6728

R-2